

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
FACULDADE DE CIÊNCIAS ECONÔMICAS
DEPARTAMENTO DE ECONOMIA E RELAÇÕES INTERNACIONAIS**

LUAN NOGUEIRA DOS SANTOS

**MOVIMENTOS NEONAZISTAS NA SUÉCIA E NA FINLÂNDIA: O CASO DO
NORDIC RESISTANCE MOVEMENT**

**Porto Alegre
2018**

LUAN NOGUEIRA DOS SANTOS

**MOVIMENTOS NEONAZISTAS NA SUÉCIA E NA FINLÂNDIA: O CASO DO
NORDIC RESISTANCE MOVEMENT**

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado como requisito parcial para
obtenção do título de Bacharel em
Relações Internacionais pela Universidade
Federal do Rio Grande do Sul.

Orientador(a): Prof^ª. Dr^ª. Sonia Maria
Ranincheski

Porto Alegre

2018

CIP - Catalogação na Publicação

Santos, Luan Nogueira dos
Movimentos neonazistas na Suécia e na Finlândia: o
caso do Nordic Resistance Movement / Luan Nogueira
dos Santos. -- 2018.
59 f.
Orientadora: Sônia Maria Ranincheski.

Trabalho de conclusão de curso (Graduação) --
Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Faculdade
de Ciências Econômicas, Curso de Relações
Internacionais, Porto Alegre, BR-RS, 2018.

1. Neonazismo. 2. Nordic Resistance Movement. 3.
Suécia. 4. Finlândia. I. Ranincheski, Sônia Maria,
orient. II. Título.

LUAN NOGUEIRA DOS SANTOS

**MOVIMENTOS NEONAZISTAS NA SUÉCIA E NA FINLÂNDIA: O CASO DO
NORDIC RESISTANCE MOVEMENT**

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado como requisito parcial para
obtenção do título de Bacharel em
Relações Internacionais pela Universidade
Federal do Rio Grande do Sul.

Aprovada em: Porto Alegre, 02 de julho de 2018.

BANCA EXAMINADORA:

Prof^a. Dr^a. Sonia Maria Ranincheski – Orientadora
UFRGS

Prof. Dr. Henrique Carlos de Oliveira de Castro
UFRGS

Prof. Dr. Luis Gustavo Mello Grohmann
UFRGS

À minha mãe, Vânia. Sem ela, nada disso seria possível.

AGRADECIMENTOS

Em primeiro lugar, agradeço à Universidade Federal do Rio Grande do Sul, pela oportunidade de estudar em uma instituição de excelência acadêmica no campo das Relações Internacionais.

Agradeço a todos os professores que contribuíram para a minha formação, em especial ao professor Alfredo Gugliano, que acreditou no meu potencial quando eu mais precisei. Agradeço também à professora Sônia Ranincheski, pela paciência e incentivo de ideais na orientação deste trabalho.

Um agradecimento muito especial à minha namorada e a todos os amigos queridos que estão na minha vida. Tive muita sorte de ter conhecido tantas pessoas sensacionais por onde passei: na escola (Giúdice e Irmão Pedro), na UFRGS, no movimento escoteiro, ou em algum momento aleatório por aí. Aos amigos que, mesmo de longe, me auxiliaram em diversos momentos, muito obrigado. São tantas pessoas que eu quero sempre ter por perto na minha vida que eu nem saberia como começar a agradecer a cada um.

Agradeço também ao meu pai, Renato, por nunca medir esforços para ver a minha felicidade pessoal, sempre me dando todo o apoio necessário para que eu seja uma pessoa melhor e mais feliz. O teu amor incondicional acima de qualquer coisa foi o motivo que me faz ser a pessoa que eu sou. Te amo, obrigado por tudo.

Por fim, agradeço à minha mãe, Vânia, que infelizmente não está mais comigo para ver a conclusão desta fase da minha vida. Três anos de ausência e a saudade ainda dói muito. Só eu sei o quanto tu gostaria de celebrar esse momento comigo. Sinto falta de todas as coisas que me fazem lembrar de ti. Eu te amo e queria que tu estivesse aqui comigo.

RESUMO

Esta monografia tem como principal objetivo analisar as ideias e as características de atuação da organização *Nordic Resistance Movement* na Suécia e na Finlândia, sob a ótica do conceito de neonazismo. A partir de então, serão exploradas as particularidades de suas ramificações nos dois países, através do padrão de atividades do *Swedish Resistance Movement*, na Suécia, e do *Finnish Resistance Movement*, na Finlândia. O estudo será elaborado a partir da operacionalização conceitual de neonazismo, para fins de aplicação no caso de estudo. Para atingir os objetivos, serão considerados, principalmente, o manifesto oficial do movimento nórdico, buscando o claro entendimento de seu posicionamento e aspirações, e discursos públicos de suas principais lideranças. Desta maneira, espera-se contribuir para a compreensão do crescimento do espectro neonazista no âmbito europeu.

Palavras-Chave: Neonazismo. Nordic Resistance Movement. Raça. Nacional Socialismo. Multiculturalismo. Swedish Resistance Movement. Finnish Resistance Movement.

ABSTRACT

This monograph's main objective is to analyze the thoughts and characteristics of action of the organization Nordic Resistance Movement in Sweden and Finland, from the perspective of neo-Nazism. From then on, it will be explored the particularities of its branches in both countries, from the activity pattern of Swedish Resistance Movement, in Sweden, and the Finnish Resistance Movement, in Finland. This study will be based on the conceptual operationalization of neo-Nazism, for the purposes of application in the case of study. To achieve the objectives, it will be mainly considered the party program of the Nordic movement, seeking the clear understanding of its position and aspirations, and public discourses of its main leaders. Thus, it hopes to contribute to the comprehension of the growth of the neo-Nazi spectrum at the European level.

Keywords: Neo-Nazism. Nordic Resistance Movement. Race. National Socialism. Multiculturalism. Swedish Resistance Movement. Finnish Resistance Movement.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	10
2 NEONAZISMO E O NORDIC RESISTANCE MOVEMENT: CONCEITUAÇÃO E IDEOLOGIA.....	16
2.1 Principais características do Neonazismo.....	17
2.2 Novas Políticas para um Novo Tempo – o Nordic Resistance Movement e o Nacional Socialismo.....	19
2.2.1 A Nação Nórdica e políticas anti-imigração.....	20
3 AS CARACTERÍSTICAS DE ATUAÇÃO DO NORDIC RESISTANCE MOVEMENT NA SUÉCIA.....	25
3.1 A extrema direita e o crescimento do neonazismo na Suécia.....	26
3.2 O Swedish Resistance Movement: origens, principais ideias e características de atuação.....	28
4 AS CARACTERÍSTICAS DE ATUAÇÃO DO NORDIC RESISTANCE MOVEMENT NA FINLÂNDIA.....	37
4.1 Finnish Resistance Movement – fundação e primeiros anos.....	38
4.1.1 Patrulhamento e tentativas de cooperação.....	41
4.1.2 Crescimento da violência e proibição das atividades do FRM.....	42
4.2 Diferenças ideológicas entre Swedish Resistance Movement e o Finnish Resistance Movement.....	45
5 CONCLUSÃO.....	47
6 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	50

1 INTRODUÇÃO

A presente monografia se propõe a responder a seguinte pergunta de pesquisa: quais são as características de atuação e as principais ideais do *Nordic Resistance Movement* na Suécia e na Finlândia no século XXI? A principal hipótese a ser trabalhada é que este movimento, dentro do espectro da extrema direita, é um grupo neonazista, tanto na Suécia quanto na Finlândia. Outra hipótese a ser analisada é que a organização nórdica tenta afastar-se das conotações negativas sobre violência, que são atribuídas ao neonazismo, tentando suavizar sua imagem em ambos os países. Como objeto de estudo, estão as ramificações *Swedish Resistance Movement* (*Svenska motståndsrörelsen*), na Suécia, e o *Finnish Resistance Movement* (*Suomen Vastarintaliike*), na Finlândia – ambas denominações do *Nordic Resistance Movement* (*Nordiska motståndsrörelsen*) em seus respectivos países¹.

O objetivo geral deste trabalho é compreender as ideias e padrões de atuação deste grupo, tanto em território sueco quanto em finlandês. Entre os objetivos específicos, buscar-se-á: 1) comparar as definições de neonazismo e de extrema direita com as ideias e padrões de atuação do *Nordic Resistance Movement* na Suécia e na Finlândia; 2) identificar o contexto de crescimento do referido grupo no período a ser analisado; 3) analisar a reação da sociedade e dos governos nos respectivos países às declarações e atuações do movimento; 4) comparar o *Swedish Resistance Movement* com o *Finnish Resistance Movement* sob a ótica do conceito de neonazismo; 5) contribuir com o estudo sobre movimentos neonazistas no século XXI; 6) escrever material esclarecedor, em português, de modo a ajudar a difundir no Brasil estudos sobre os países nórdicos, em especial sobre a Suécia e a Finlândia.

Do ponto de vista metodológico, será utilizado o método dedutivo, ou seja, a partir de uma premissa maior será possível atingir conclusões específicas. Para tal, será realizada uma análise de fontes primárias traduzidas para o inglês, tais como discursos dos representantes das respectivas filiais do movimento em cada país abordado, relatórios governamentais, notícias de jornais internacionais e dados de opinião pública. Um documento a ser utilizado é o manifesto oficial da organização,

¹ Nesta monografia, o termo *Nordic Resistance Movement* será empregado para denominar a organização nórdica como um todo. *Swedish Resistance Movement* será utilizado para caracterizar somente a matriz do movimento na Suécia, enquanto *Finnish Resistance Movement* será utilizado somente para a filial na Finlândia. Ademais, adotar-se-á a utilização de nomes em inglês para movimentos e partidos políticos, com o respectivo nome no idioma original, entre parênteses, quando for relevante.

traduzida para o inglês pelos próprios membros e simpatizantes, a fim de esclarecer para o mundo os principais objetivos do grupo (THE NORDIC RESISTANCE MOVEMENT – NRM, 2016). Antes de tudo, entretanto, faz-se necessária uma revisão bibliográfica de material acadêmico, para fins de operacionalização de conceitos teóricos, e posterior aplicação nos casos estudados.

Entre os motivos que justificam o tema desta monografia está a importância do aprofundamento de estudos sobre o crescimento da extrema direita na Europa na atualidade. Nas últimas décadas, partidos políticos de extrema direita têm ganhado cada vez mais representação nos parlamentos dos países europeus, e, embora este número ainda seja pequeno, seu entendimento se faz necessário para a compreensão do que gera sua ascensão. Partidos, como o sueco Sweden Democrats e o finlandês Finns Party, ambos com forte retórica crítica ao multiculturalismo, passaram lograr vitórias em disputas eleitorais. Transcendendo o continente europeu, é possível observar a ascensão da direita política em outras partes do mundo, como na eleição do republicano Donald J. Trump como presidente dos Estados Unidos.

Partindo de um ponto de vista social, esta monografia também busca demonstrar a relevância do estudo sobre ideologias que possuem, em sua agenda estrutural, a discriminação contra outras etnias. A crise de refugiados, vista nos últimos anos, trouxe um aumento significativo no número de pessoas procurando abrigo em países europeus. Dito isto, este crescimento no fluxo de pessoas pertencentes a diferentes culturas trouxe consigo um sentimento de medo e rejeição, principalmente contra refugiados de países muçulmanos, levando, muitas vezes, a conflitos étnicos e casos de violência. Na Europa, práticas correspondentes a atitudes de racismo contra refugiados muçulmanos têm-se tornado cada vez mais frequentes na atualidade. De acordo com o Relatório Europeu de Islamofobia², há uma construção de uma identidade muçulmana estática e generalizada, que atribui ao islamismo sentimentos negativos que ameaçam a identidade cultural vigente (BAYRAKLI & HAFEZ, 2016, p. 7).

Neste aspecto, a análise do discurso racista no território nórdico³, especialmente contra refugiados e demais minorias étnico-culturais, torna-se

² O uso do termo “Islamofobia” é bastante controverso no mundo acadêmico. Neste trabalho, a utilização deste termo dar-se-á unicamente como forma de exemplificação e esclarecimento do sentimento de medo e rejeição contra povos muçulmanos na Europa.

³ Entende-se por território nórdico a região composta por Dinamarca, Finlândia, Ilhas Faroé, Islândia, Noruega e Suécia.

particularmente interessante. A região nórdica, conhecida pelos altos índices de qualidade de vida e pelo modelo de *welfare state*⁴, vê crescer o número de manifestações pedindo maior restrição das políticas migratórias em suas fronteiras. O discurso racial, muitas vezes, é mascarado por argumentos suscitando insegurança econômica, devido ao aumento do número de imigrantes em seus países (GUIBERNAU, 2010). Para o pleno entendimento deste argumento no caso nórdico, faz-se necessário uma definição do modelo de *welfare state* a ser empregado:

“Um *welfare state* [Estado de bem-estar social] é um Estado no qual poder organizado é deliberadamente usado (através de políticas e administração) em um esforço para modificar o jogo das forças de mercado em, pelo menos, três direções – primeira, garantindo a indivíduos e famílias uma renda mínima, independentemente do valor de mercado de seus trabalhos ou de suas propriedades; segunda, pelo estreitamento da extensão de insegurança, possibilitando a indivíduos e famílias encontrar certas ‘contingências sociais’ (por exemplo, doença, velhice e desemprego), o que levaria, de outra forma, à crise individuais e familiares; e terceira, garantindo que a todos os cidadãos, sem distinções de status ou classe, são oferecidos os melhores padrões disponíveis, em relação a uma certa gama acordada de serviços sociais” (BRIGGS, 2006, p. 16, tradução nossa).

Para Guibernau (2010), a discriminação étnica utilizando argumentos econômicos não se justifica, pois, o real motivo seria uma possível ameaça à identidade nacional. Este discurso discriminatório alega um eventual desaparecimento das culturas, idiomas e etnias nacionais devido à miscigenação com outros povos. Neste sentido, percebe-se o crescimento de organizações que canalizam esta retórica anti-islâmica para mobilizar cidadãos, a partir do medo da “ameaça” muçulmana (GUIBERNAU, 2010, p. 6, 12).

Por fim, dentro do campo de estudos europeus, este trabalho justifica-se por analisar a atuação do maior grupo militante, associado com a ideologia neonazista, na região nórdica na atualidade⁵. Embora o Nordic Resistance Movement também exista na Noruega, e possua alguma atividade na Dinamarca, serão abordados somente as filiais na Suécia e na Finlândia, pelo fato de o movimento ser muito mais ativo nestes dois países. Estima-se que haja, aproximadamente, 300 membros ativos do movimento em toda a região nórdica, sendo cerca de dois terços somente na ramificação sueca (STRØMMEN, 2017, p. 3). Segundo Jensen (2017):

⁴ Modelo de políticas econômicas e sociais que “garante aos cidadãos direitos que eles não conseguiriam através do mercado” (HAMMOUD, 2008, p. 21).

⁵ Após a dissolução do partido político sueco *Party of the Swedes*, em 2015.

“O crescimento da radicalização e da popularidade do NRM na Suécia e Finlândia está alinhado com tendências observadas na Europa no que se refere à ascensão da extrema direita.

[...]

A reorientação das motivações políticas e ideológicas convergindo para uma rejeição explícita aos imigrantes pode ser vista como uma resposta à crise de refugiados e ao crescimento do nível de ameaça de terrorismo islâmico no norte da Europa” (JENSEN, 2017, p. 4, tradução nossa).

Tanto o país sueco quanto o país finlandês – que são os países do escopo de análise desta monografia –, são importantes no âmbito europeu, principalmente no contexto da crise de refugiados. Ambos são parte da União Europeia, e ambos possuem políticas públicas voltadas para a integração de novos imigrantes em seus territórios. Faz-se relevante entender o crescimento de organizações com retóricas de violência nestes países, considerados exemplos de segurança pública (GLOBAL PEACE INDEX, 2017).

Antes de analisar as características dos movimentos de resistência na Suécia e Finlândia, através da operacionalização do conceito de neonazismo, é necessário o entendimento de certas concepções, como direita política, radicalismo, extremismo, e, por fim, nazismo. Segundo Rydgren (2007), uma ideologia política é considerada de direita, principalmente, devido ao seu posicionamento sobre questões socioculturais: políticas de imigração, de ordem pública e de identidade nacional, criminalização do aborto, legalização das drogas, união homoafetiva, entre outros⁶. Dito isto, grupos e partidos de direita podem ser radicais ou extremistas. É preciso cuidado ao definir estes termos, pois uma simplificação conceitual muito restrita pode ser prejudicial para uma análise correta do objeto de estudo, pois há muitas variáveis a serem consideradas.

O conceito de radicalismo prega uma reforma na raiz dos sistemas econômicos e políticos, mas não busca, necessariamente, eliminar todas as formas de democracia (GOLDER, [201-?], p. 2). Por outro lado, o extremismo é diretamente oposto à ideia de democracia, representando “uma demanda por grande transformação na sociedade, seja em direção a alguma visão de futuro ou de volta a um passado

⁶ No que concerne a definições entre direita e esquerda política, também podem haver algumas variações em suas visões socioeconômicas – como o grau de envolvimento do Estado na economia, por exemplo. Entretanto, a nova direita política é definida, majoritariamente, por suas visões socioculturais (RYDGREN, 2007, p. 243).

idealizado” (POWELL, 1986, p. 358). Para Magalhães (1998), as tendências extremistas apontam para uma rejeição da democracia constitucional, pois:

“[tendências extremistas] antepõem pluralismo partidário ao unipartidarismo; o pluralismo de ideias à *verdadeira doutrina*; as organizações de interesses privados à vontade supra individual. Sob o ponto de vista das instituições, o parlamento é visto como falseamento da verdade; a imprensa, como manipuladora da opinião pública; a democracia, como sinônimo de decadência cultural; e os intelectuais, como inúteis e preguiçosos” (MAGALHÃES, 1998, p. 202, grifo do autor).

Apesar de possíveis diferenças, principalmente no que se refere à suas origens e motivações, a extrema direita é um comportamento que pode assumir as colorações de um partido político, de uma corrente intelectual, de uma facção dos partidos maiores ou de movimentos sociais (MAGALHÃES, 1998, p. 201). De acordo com Wolfgang Benz (1987, apud MAGALHÃES, 1998, p. 203):

“[...] movimentos extremistas manifestam quase sempre, e independentemente de seus objetivos, um nacionalismo agressivo (pautado em mitos de unidade racial), hostilidade ao estrangeiro, racismo, intolerância, militarismo, anseio por um líder forte (o redentor) e predisposição à violência” (BENZ, 1987⁷, apud MAGALHÃES, 1998, p. 203).

Nesta monografia, adotar-se-á o termo extremismo para conceituar o Nordic Resistance Movement, tanto na Suécia quanto na Finlândia, com base nos conceitos de Rydgren (2007), Powell (1986), Magalhães (1998) e Benz (1987). É importante salientar que também existem grupos radicais e/ou extremistas no outro lado da esfera política, sendo errôneo atribuir os termos somente à direita. Segundo a explicação de Lopes (2016), pode ser prejudicial para a uma análise simplificar demasiadamente as diferentes extremidades das esferas políticas.

É comum que grupos e partidos políticos, com pautas no espectro da extrema direita, sejam classificados como neonazistas. Entretanto, é necessário apontar que somente uma parte deste segmento pode ser caracterizado com este termo. Segundo Vizontini (2000, p. 19), “o nazismo faz parte da extrema direita, mas nem toda extrema direita é exatamente nazista ou neonazista”. O pleno entendimento desta ideologia torna-se importante, dado o caráter heterogêneo de cada movimento ao redor do mundo, tornando difícil uma conceituação específica. Apesar disto, algumas

⁷ BENZ, W. “Organisierter Rechtsradikalismus in der Bundesrepublik Deutschland. In: GWU, 38, 1987.

características lhes são comuns, e estão diretamente ligadas com o revisionismo da ideologia nazista alemã do início do século XX. Entender a sua presença no sistema internacional – nesta monografia, especificamente, na Suécia e na Finlândia –, bem como suas dimensões e comportamentos, faz-se necessário para a compreensão deste crescimento na contemporaneidade.

O nazismo surgiu na Alemanha no período pós-Primeira Guerra Mundial, ligado, principalmente, à instabilidade política e social após o triunfo da Revolução Soviética e, no espectro econômico, à Crise de 1929 e à Grande Depressão (VIZENTINI, 2000, p. 20-21). Entretanto, este ideário de nacionalismo baseado na superioridade racial do povo alemão pode ser traçado desde o século XIX (THOMAS, 1991). Surgido em 1920, o *National Socialist German Worker's Party*⁸ apresentou-se como uma forma de combater crise econômica, política e social daquele momento, garantindo o resgate do orgulho nacionalista alemão. Neste aspecto, o nazismo deste período exaltava ideais antissemitas – através de uma concepção agressiva de nacionalismo –, antiliberais, anticomunistas e de caráter totalitário, canalizando todo o poder na figura de seu líder, Adolf Hitler⁹. Após chegar ao poder, o regime nazista promoveu o massacre do povo judeu em campos de concentração, pois eles eram vistos como uma ameaça à raça pura ariana. Além disso, foi instaurando um Estado Nacional Socialista altamente doutrinador, sem pluralidade política e controlando os meios de comunicação de massa (COTANDA, 2005, p. 18).

Esta monografia está dividida em três partes, além da introdução e da conclusão. Em um primeiro momento, será definido o conceito de neonazismo, para fins de operacionalização no objeto de estudo. Além disso, será analisado o manifesto oficial do Nordic Resistance Movement, onde há os principais objetivos da organização nórdica para o futuro. No segundo momento, propõe-se o estudo somente da matriz sueca do movimento – Swedish Resistance Movement –, explicando o contexto de criação do grupo no país e o seu padrão de atuação desde então. Por fim, será analisado somente as atividades da filial finlandesa – Finnish Resistance Movement –, que marca o início do caráter transnacional da organização nórdica.

⁸ Partido Nacional Socialista dos Trabalhadores Alemães (*Nationalsozialistische Deutsche Arbeiterpartei*, em alemão), também chamado de Partido Nazista.

⁹ Segundo Bacharach (1998), Hitler definia os judeus como “portadores dos conceitos de internacionalismo, democracia e pacifismo, que eram as ‘três pragas da humanidade... que aniquilaram os valores raciais das nações” (BACHARACH, 1998, p. 69).

2 NEONAZISMO E O NORDIC RESISTANCE MOVEMENT: CONCEITUAÇÃO E IDEOLOGIA

O presente capítulo será destinado à conceituação do termo “neonazismo” para fins de operacionalização deste conceito no objeto de estudo desta monografia. Além disto, será analisado o manifesto oficial do Nordic Resistance Movement, buscando um entendimento maior acerca dos ideais da organização e os seus objetivos para a região nórdica. Outros pontos abordados pelo movimento – como políticas de meio ambiente, sistema bancário, empreendedorismo e sistema educacional – não serão discutidos nesta monografia.

Antes de tudo, faz-se necessária uma breve discussão acerca de nacionalismo e etnicidade. Uma definição completa e universal de “nação” e “nacionalismo” mostra-se extremamente complicada, pois não há uma única definição aplicável para todos os casos. O presente trabalho não tem por objetivo realizar um revisionismo do desenvolvimento histórico do termo através da extensa bibliografia, mas somente enfatizar quais as abordagens serão utilizadas para análise do objeto de estudo. De acordo com Benedict Anderson (1983), uma “nação” é uma comunidade política imaginada, inerentemente limitada e soberana. Segundo o autor, esta comunidade política

“é imaginada pois, mesmo os membros da menor das nações, jamais conhecerão, encontrarão ou ouvirão falar quem são a maioria de seus companheiros, ainda que nas mentes de cada um deles viva a imagem de sua comunhão” (ANDERSON, 1983, p. 49, tradução nossa).

Assim sendo, o nacionalismo representa uma forma de integração entre seus membros. A cultura, predominante atrelada à soberania, “é responsável por unir o povo submetido a ela, por meio de símbolos e valores em comum, com o intuito de promover a coesão” (QUEVEDO, 2016, p. 12). Entretanto, há outros elementos podem compor o ideal de nacionalismo de um povo, como a ancestralidade e a raça, onde o pertencimento àquela nação dá-se de forma hereditária, frequentemente incluindo um idioma ou religião em comum (GOLDER, [201-?], p. 4). Por este mesmo motivo, uma nação não é, necessariamente, homogênea. Todo Estado nacional é, até certo ponto, etnicamente dividido. Segundo Eriksen (1991):

“Dentro de um Estado nacional, todos os homens e mulheres são *cidadãos*, participando em um sistema de relacionamentos onde eles são dependentes e contribuem para a existência de um vasto número de indivíduos que eles nunca irão conhecer pessoalmente. A principal distinção social aparece entre cidadãos e ‘não-cidadãos’ [...] Algumas pessoas tornam-se metaforicamente irmãos; outros, cuja cidadania (e, conseqüentemente, lealdade) é duvidável, se transformam em forasteiros” (ERIKSEN, 1991, p. 266-267, tradução nossa, grifo do autor).

Segundo a visão de Gellner (1983), há movimentos autoproclamados nacionalistas que defendem que as fronteiras da nação devem ser idênticas às fronteiras culturais. Este pensamento de exclusão cultural de determinados grupos do conceito de nacionalismo é comum entre partidos e movimentos de extrema direita. Grupos nativistas¹⁰ apoiam-se na implicação de uma hierarquia natural entre diferentes grupos étnicos, sendo esta uma das principais bases de suas ideologias (GOLDER, [201-?], p. 4-5).

2.1 Principais características do Neonazismo

Existem diversos movimentos e partidos políticos identificados como neonazistas desde o período pós Segunda Guerra Mundial. De fato, estes grupos partilham de algumas características em comum, como a discriminação racial e oposição ao multiculturalismo, por exemplo, mas estão longe de serem grupos homogêneos. Esta é uma ideologia que pode assumir diversas faces, com cada grupo podendo apresentar suas próprias definições do termo e suas próprias singularidades. Assim sendo, o neonazismo “não é um movimento coeso e amplo, único responsável pelo ressurgimento do racismo e do nacionalismo neste fim de século [XX]” (MAGALHÃES, 1998, p. 200).

De fato, não é possível afirmar que a reinterpretação do ideal nazista é uma réplica exata daquela vigente na primeira metade do século XX, originária na Alemanha. Suas origens são similares, mas há uma adaptação do discurso para a realidade da nação em que o movimento com esta ideologia se propaga. Desta forma, o neonazismo se apresenta como uma “adaptação de algumas das principais ideias nazistas originais a uma nova condição histórica” (OLIVEIRA, 2015, p. 175-176). Para

¹⁰ Ideologia que combina nacionalismo com xenofobia, argumentando que “Estados devem ser habitados exclusivamente por membros de seu grupo nativo (“a nação”), e que elementos não-nativos (pessoas e ideias) são, fundamentalmente, uma ameaça ao Estado-Nação homogêneo” (MUDDE, 2007, p. 19).

o pesquisador norueguês Tore Bjørgo (1995), o termo “neonazismo” é uma “ideologia racista, consistindo de elementos advindos de diversas fontes e tradições: o Nacional Socialismo alemão, o racismo norte-americano e a ideologia do apartheid sul-africano” (BJØRGO, 1995, p. 212). Portanto, o conceito de neonazismo utilizado nesta monografia não engloba todas as possíveis vertentes de articulação que esta ideologia pode adquirir.

Neste trabalho, adotaremos o entendimento do termo “neonazismo” como:

“...grupos – formais ou não – que se organizam, a partir do pós-Guerra, em torno dos ideais promovidos pelo Nacional Socialismo, adaptando esta nova ideologia política às novas condições históricas, sociais, culturais e econômicas. Suas principais intenções incluem a aceitação pública do nazismo como uma orientação política legítima; o endurecimento das leis de migração, sobretudo, no território europeu; o orgulho “racial”, “nacional” ou mesmo “pancontinental” (no caso dos grupos neonazistas europeus); o estabelecimento político, econômico, cultural e social da superioridade da “raça ariana”; e a criação de estados totalitários ancorados no nacionalismo étnico-racial. Além disso, o revisionismo do Holocausto promovido pelos nazistas e a aversão a orientações de gênero e de sexualidade alheias ao padrão heteronormativo são características predominantes” (OLIVEIRA, 2015, p. 162-163).

Adeptos do neonazismo acreditam que pertencem a uma raça branca “geneticamente superior”, que está sendo destruída por políticas que favorecem o intercâmbio cultural e a imigração. Assim, o ódio contra raças “não-brancas” é fomentado, em especial contra judeus, muçulmanos, negros e homossexuais. Neste aspecto, a xenofobia¹¹ e o antissemitismo ainda estão fortemente presentes na agenda estrutural dos principais grupos e partidos neonazistas (FUTRELL & SIMI, 2013, p. 1). Atos de violência contra imigrantes e refugiados tornam-se cada vez mais comuns, sendo tais atitudes mascaradas por um discurso de “sobrevivência da cultura europeia”. Percebe-se, portanto, um caráter transnacional¹² de grupos neonazistas na Europa, pois o nacionalismo exacerbado aponta para uma luta pela preservação cultural e integridade do continente europeu como um todo (GUIBERNAU, 2010, p. 13).

¹¹ Os motivos alegados para reações xenófobas contra imigrantes são, em geral, o temor pelo desemprego da população nativa – pois os imigrantes tomariam as vagas de emprego –, e a noção de que os imigrantes contribuem significativamente para o aumento da violência e da criminalidade (LOPES, 2016, p. 24-25).

¹² “Por um lado, suas reivindicações [grupos neonazistas] são nacionalistas, na medida em que se propõem a fazer a defesa das tradições nacionais; por outro lado, suas organizações são transnacionais, e seus discursos fazem apelo tanto à nação quanto ao continente europeu – no caso dos grupos sediados em países europeus” (OLIVEIRA, 2015, p. 174).

O revisionismo das atrocidades cometidas pelo regime nazista durante a Segunda Guerra Mundial é outra característica marcante da atual reinterpretação da ideologia, sendo uma marca presente em grande parte de suas atuais organizações. Há uma negação da existência dos campos de concentração, ou uma extrema redução de sua importância, pois isto seria uma “invenção dos imperialistas” para denegrir a imagem do nacionalismo (MAGALHÃES, 1998, p. 201). Este negacionismo pode ser entendido “um instrumento de afirmação política”, pois o Holocausto é visto como “uma mentira criada e mantida pelos vencedores da II Guerra Mundial em estreita aliança com os judeus sionistas fundadores do Estado de Israel” (CASTRO, 2014, p. 9; OLIVEIRA, 2015, p. 174-175).

2.2 Novas Políticas para um Novo Tempo – o Nordic Resistance Movement e o Nacional Socialismo

Da mesma maneira que outros partidos e movimentos de extrema direita ao redor do mundo – e, nesta monografia, especificamente nos países nórdicos –, o autodeclarado Nordic Resistance Movement – criado na Suécia, em 1997 – é constantemente associado com a ideologia neonazista. De fato, os próprios fundadores definem a organização como Nacional Socialista, estando em atividade também na Finlândia, Noruega e Dinamarca. Nas palavras de seu fundador, Klas Lund, o principal desafio do NRM é lutar por “uma república Nacional Socialista nórdica, incluindo os países nórdicos da Suécia, Finlândia, Noruega, Dinamarca e Islândia, e, de forma opcional, os países bálticos” (STRØMMEN, 2017, p. 3).

Logo do prefácio de seu manifesto, Fredrik Vejdeland, membro da matriz sueca do NRM, diz que

“do nosso ponto de vista, o Nacional Socialismo, provado durante o curto período de tempo em que manteve o poder na Alemanha, tem sido a única forma de governo que tem ameaçado significativamente as forças destrutivas que comandam o mundo. Desde 1945 até os dias de hoje, estas mesmas forças têm conduzido continuamente um genocídio político contra o povo nórdico e contra os povos étnicos da Europa. Eles entendem o Nacional Socialismo como o inimigo central de suas visões de mundo, porque o Nacional Socialismo entrega uma estratégia de sobrevivência de nossa raça e obteve sucesso ao prover um modelo político moderno que reflete as eternas leis da natureza” (NRM, 2016, p. 10, tradução nossa).

Apesar deste claro enaltecimento ao nazismo alemão, Vejdeland destaca que, nos dias de hoje, “não são governos ou sistemas sociais que estão sendo ameaçados, mas sim a nossa raça e toda a humanidade” (NRM, 2016, p. 10). Há o entendimento que os “anos dourados” da Suécia – e dos países nórdicos de modo geral – há muito foram perdidos, principalmente por causa da elite vigente no período pós anos 1970, que “promoveu valores multiculturais” e, no caso específico da Suécia e da Finlândia, “promoveu a associação à União Europeia”, resultando na perda da supremacia nacional (ELGENIUS & RYDGREN, 2017, p. 355). Assim sendo, o Nacional Socialismo seria a única forma de restaurar o nacionalismo étnico¹³ nórdico, através da desmanche da sociedade multiétnica da atualidade (NRM, 2016, p. 33).

2.2.1 A Nação Nórdica e políticas anti-imigração

O maior objetivo do Nordic Resistance Movement é criar uma Nação Nórdica que englobe os cinco grandes países nórdicos (Dinamarca, Finlândia, Islândia, Noruega e Suécia), estabelecendo um governo Nacional Socialista voltado para a coesão da identidade nacional e sobrevivência étnica da sociedade. Segundo o manifesto da organização – chamado “*Our Path: New Politics for a New Time*”, traduzido para o inglês em setembro de 2016¹⁴ –, somente uma Nação Nórdica unida poderia proteger a independência do povo nórdico, possibilitando sua sobrevivência racial e cultural. Para que isto seja possível, faz-se necessária a saída imediata da União Europeia (atualmente, Suécia, Finlândia e Dinamarca são membros permanentes). Instituições como a UE são vistas como coalizões “anti-nórdicas”, que restringem o poder de decisão de seus respectivos parlamentos e o transferem a órgãos que propagam ideias sionistas¹⁵ e multiculturais (NRM, 2016, p. 18). Desta maneira, a unificação através da Nação Nórdica traria uma independência para a região, além de proteger o povo nórdico das possíveis ameaças contra sua liberdade, identidade e soberania.

¹³ Concepção de “nação” definida pela etnicidade, através da promoção da cultura de um grupo étnico dominante, havendo desencorajamento à assimilação de etnias distantes e criações de mitos sobre um passado distante (LOPES, 2016, p. 22-23).

¹⁴ A tradução para o inglês foi feita a partir do idioma sueco pelos próprios membros do movimento.

¹⁵ O NRM critica fortemente a “elite global sionista”, cujo objetivo seria não somente promover o Estado de Israel, mas também “contribuir, a longo prazo, com a instabilidade em todas as nações que ameaçam suas estruturas de poder”. Assim sendo, o povo judeu seria uma ameaça às sociedades “eticamente homogêneas” (NRM, 2016, p. 16).

O primeiro ponto do manifesto do NRM, que é o principal pilar da agenda estrutural do movimento, diz respeito à imigração massiva nos países nórdicos, especialmente nos anos mais recentes. O multiculturalismo é fortemente criticado, visto como uma grande ameaça à sobrevivência da raça nórdica. Na visão da organização, isto não significa ódio ou de opressão contra outras raças, mas, simplesmente, uma preocupação com a sobrevivência étnica de seu povo, afirmando que “uma extinção do povo nórdico seria irreversível” (NRM, 2016, p. 12). Desta maneira, a primeira grande medida a ser tomada é cessar completamente o fluxo migratório para quaisquer países nórdicos. Há o entendimento que, para um problema demográfico desta magnitude, a simples restrição do número de imigrantes somente postergaria os problemas, sendo necessário também um controle forte das fronteiras (NRM, 2016, p.12-13).

Além de acabar, de forma definitiva, com a imigração de povos não-nórdicos para seus países, outro aspecto central da ideologia do NRM é a repatriação total de todos os imigrantes e refugiados que já se encontram em território nórdico. De acordo com o manifesto da organização,

“um número pequeno de pessoas de uma raça diferente não geraria muitos prejuízos. Entretanto, a imigração em massa já atingiu tais proporções que seria impossível restaurar a integridade dos países nórdicos simplesmente cessando a imigração e permitindo que raças estrangeiras já dentro das fronteiras da região nórdica permaneçam” (NRM, 2016, p. 13, tradução nossa).

A ideia é que o próprio governo gerencie a repatriação de cada estrangeiro que já esteja em terras nórdicas para seus respectivos países de origem – ou para o país mais próximo que esteja pacificado e que aceite a entrada destes imigrantes. As únicas exceções seriam para pessoas que ajudem a raça nórdica a sobreviver, que poderiam ganhar o título de cidadãos honorários, e, assim, ter permissão para permanecer no país, desde que em número não muito expressivo. Todos os outros povos étnicos, que já estão em terras nórdicas, deverão ser retirados “da forma mais humana possível, para prevenir ainda mais dificuldades do que é necessário” (NRM, 2016, p. 13). Após a conclusão deste processo de expulsão de imigrantes, grupos considerados etnicamente semelhantes poderiam ingressar em território nórdico, de forma controlada, a fim de não colocar em risco a integridade da composição racial nortenha (NRM, 2016, p. 15).

Esta medida é considerada extrema até mesmo dentro do escopo da extrema direita. Para o Sweden Democrats, por exemplo, a imigração deve ser mantida tão restrita de modo que não seja uma ameaça para a identidade nacional, welfare state e segurança do povo nativo. Os benefícios econômicos e sociais devem priorizar o povo sueco, e os refugiados devem permanecer somente enquanto estiverem ameaçados em seus países de origem devendo retornar posteriormente (KETOLA & NORDENSVARD, 2015, p. 368). O atual líder do partido, Jimmie Åkesson, classifica o grupo como uma organização terrorista (JENSEN, 2017, p.3).

No que se refere à questão racial, é importante apontar que o objetivo do NRM não é criar uma raça nórdica completamente pura, mas sim manter a preservação étnica do povo nórdico em seu território. Utilizando-se de uma visão etnopluralista¹⁶ no que tange à coexistência das demais etnias, o movimento prega a defesa de um mundo composto por nações livres, onde grupos étnicos distintos viveriam de forma separada, mas em cooperação uns com os outros. Este discurso é utilizado como forma de afastar uma conotação de superioridade étnica nórdica, através da adoção de um discurso de preservação da identidade e cultura nacionais (NRM, 2016, p. 14, 31; GUIBERNAU, 2010, p. 14).

O novo governo, proposto pelo NRM, seria constituído por um Senado Nórdico, composto por indivíduos considerados competentes nas esferas de administração civil, empresas privadas, instituições de ensino e exército, por exemplo – portanto, sem eleições diretas. Este novo Senado seria responsável por designar um líder para a Nação, através de uma eleição fechada. Este líder escolhido, “com a ajuda dos senadores, terá a tarefa de decidir todas as questões importantes que afetam o povo, o país e o futuro da Nação” (NRM, 2016, p. 24). Além disso, haveria um Parlamento Nórdico, eleito pelo povo através de eleições locais diretas, que deve representar “a voz do povo perante ao Senado e ao líder” (NRM, 2016, p. 25). Na esfera local, cada municipalidade seria responsável pela eleição direta de um prefeito. Através deste novo sistema política, nota-se o fim do multipartidarismo na esfera política. Segundo o NRM,

¹⁶ O conceito de etnopluralismo utilizado pela extrema direita prega o respeito pelas diferenças étnicas, desde que não haja a miscigenação entre estas etnias, pois é esta mistura que enfraquece e eventualmente destrói a cultura e a identidade de uma nação (GUIBERNAU, 2010, p. 15).

“é possível concluir que o que chamamos hoje de direitos fundamentais democráticos ainda seriam aplicados, mesmo se o sistema multipartidário fossem abolidos. Como uma alternativa para o sistema multipartidário atual, membros do Parlamento, organizações e movimentos sociais seriam responsáveis por avançar independentemente os assuntos políticos” (NRM, 2016, p. 25, tradução nossa).

Outro ponto importante no manifesto do NRM tange ao estabelecimento de um governo forte, que garanta não só a sobrevivência da raça nórdica, mas também o direito à liberdade de expressão de seu próprio povo. Há o entendimento que a democracia¹⁷ atual privilegia determinados grupos minoritários, impedindo que qualquer opinião contrária a estes grupos seja dita. Embora o direito à participação civil e à liberdade de expressão, dentro do escopo da Nação Nórdica, sejam ditos como essenciais para cada cidadão, leis contra o discurso de ódio seriam substituídas por uma lei contra qualquer tipo de propaganda atividades consideradas “anti-nórdicas”. Tais restrições seriam aplicadas, principalmente, à mídia, que, atualmente, “está agindo de maneira hostil contra o povo, resultando em consequências étnicas, culturais e raciais catastróficas. Propagandas anti-nórdicas, sob o governo Nacional Socialista, serão proibidas” (NRM, 2016, p. 21, 26-27).

Este poder de banir qualquer manifestação ou atividade midiática considerada contra a raça nórdica também se aplica aos cidadãos. A ideia de povo nórdico, como um coletivo, deve prevalecer sobre as liberdades individuais, de modo a garantir a soberania da Nação Nórdica unificada. Qualquer manifestação que seja entendida como uma ameaça aos ideais de identidade nórdica seria completamente proibida e passível de punição, e, dependendo da gravidade, seus responsáveis seriam considerados traidores da Nação (NRM, 2016, p. 47). Neste escopo, o NRM propõe-se:

“Em acordo com a criação de leis proibindo propagandas anti-nórdicas, garantir que organizar-se para cometer genocídio contra o povo nórdico seja feito ilegal. Isto significa que associações ativamente promovendo imigração em massa, miscigenação e outras formas de genocídio possam ser processadas.

[...]

Estabelecer um Tribunal Popular Nórdico, julgando os casos mais sérios de traição pública. Todos aqueles atualmente em posição de poder - ou com influência significativa na sociedade – que defenderam, executaram ou participaram em tomadas de decisão do genocídio do povo Nórdico em curso,

¹⁷ “Nossa ideia de democracia verdadeira está significativamente ligada ao conceito original, principalmente à sociedade democrática como a praticada em Atenas nos tempos antigos, ao invés do que o establishment corrupto considera ser democracia nos dias de hoje” (NRM, 2016, p. 23, tradução nossa).

serão julgados por este Tribunal, assim como aqueles que fizerem o mesmo no futuro. Aqueles que forem condenados pelo Tribunal Popular, e considerados incapazes de reabilitação, irão perder suas cidadanias.

[...]

Aqueles que, através de apoio estrangeiro ou métodos ilegais, tentarem pôr o país sob os laços de potências estrangeiras, estarão cometendo crimes contra a segurança da Nação e serão punidos de acordos. Ato nos quais aqueles em posição de autoridade participarem de encontros secretos, onde decisões são tomadas com interesses estrangeiros em mente sem a percepção e conhecimento público, serão considerados como traição contra a Nação” (NRM, 2016, p. 47, tradução nossa).

No que se refere à criminalidade de modo geral, o NRM opõe-se à prisão perpétua, mas é a favor da pena de morte para crimes hediondos (com a aprovação do Senado Nórdico). Através dos ideais do Nacional Socialismo, os índices de crimes em terras nórdicas invariavelmente seriam mais baixos, pois valores de identidade e comunidade nacional seriam difundidos no processo de reabilitação de detentos (NRM, 2016, p. 48-49).

Ademais, o NRM entende que as potências dominantes no sistema internacional – que derrotaram a Alemanha Nazista em 1945 – tentariam impedir a ascensão do Nacional Socialismo nórdico. Portanto, a modernização e o fortalecimento das Forças Armadas, capazes de proteger suas fronteiras e intervir de maneira imediata na região, caso fosse necessário, seriam importantes para a manutenção da nova Nação Nórdica (NRM, 2016, p. 42-43).

Por fim, é interessante notar que o NRM acredita que o futuro governo da nova Nação Nórdica seria autoritário, mas não totalitário, visando unicamente o que é considerado o melhor para a segurança e prosperidade do povo nórdico. Com atividade em quatro países, há um consenso, dentro da organização, que nem todos os membros concordam com todos os pontos inferidos. Entretanto, um dos objetivos em comum do movimento – para fins desta monografia, especificamente, das filiais na Suécia e na Finlândia –, é inspirar adeptos e simpatizantes ao redor do mundo, mesmo que não haja planos imediatos para uma expansão além das fronteiras da região nórdica (NRM, 2016, p. 7-8, 21, 50-51).

3 AS CARACTERÍSTICAS DE ATUAÇÃO DO NORDIC RESISTANCE MOVEMENT NA SUÉCIA

Neste capítulo, serão abordadas as características do Swedish Resistance Movement (SRM) – matriz sueca do NRM –, através da análise de seus discursos e atuações. Dar-se-á foco em declarações feitas por líderes e ativistas da organização, que exemplifiquem sua ascensão e suas visões para o país, além de abordar seus principais atos e conquistas. Para tal, faz-se necessário um breve contexto de crescimento do movimento neonazista na Suécia, explicando as origens das críticas ao multiculturalismo e da promoção do nacionalismo étnico sueco. Não é o objetivo desta monografia enumerar todas as atividades e atos violentos que são ligados ao grupo, somente as atuações que sejam relevantes para o escopo desta pesquisa.

Dentre todos os países nórdicos, a Suécia é o que mais recebe imigrantes em seu território. No período após a Segunda Guerra Mundial, a maioria dos imigrantes era composto por pessoas advindas de países nórdicos vizinhos, principalmente Finlândia. Isto começou a mudar a partir dos anos 1970, com o crescimento de imigrantes refugiados de países não-europeus, e, nos anos 1990, com refugiados vindos da Iugoslávia, buscando abrigo no país (WESTIN, 2000). Durante muitos anos, partidos de extrema direita, com discursos contra a imigração, recebiam poucos votos, e não haviam grandes manifestações com esta pauta. De fato, até meados dos anos 1980, atitudes negativas contra minorias étnicas, em território sueco, eram encontradas em segmentos da sociedade compostos, principalmente, por pessoas que não tinham contato com áreas residenciais multiculturais das grandes cidades, como Estocolmo e Gotemburgo (LODENIUS, 2014, p. 6; WESTIN, 2000, p. 190).

Entretanto, questões relacionadas à xenofobia contra imigrantes e refugiados começaram a florescer com mais força, e, na década 1990, casos de violência tornaram-se comuns no país. Apesar disto, ainda havia uma atitude de negação da existência destes fenômenos, permitindo o crescimento e perpetuação de organizações neonazistas na Suécia. Segundo Fekete (2014), há uma forte tendência dos governos suecos de negar a existência de racismo estrutural no país, perpetuando o problema. Foi somente durante os anos 2000 que as autoridades suecas passaram a compreender a importância de combater atitudes de discriminação e atos de violência contra imigrantes, refugiados e minorias étnico-culturais. Contudo, até hoje é possível traçar um paralelo entre a ineficiência do combate à violência nos anos

1990 e a ineficácia dos governos atuais em resolver este problema (FEKETE, 2014, p. 5; HÄLLGREN, 2006, p. 33).

3.1 A extrema direita e o crescimento do neonazismo na Suécia

Durante a Segunda Guerra Mundial, a Suécia não foi ocupada pelas tropas nazistas – diferentemente dos outros países escandinavos¹⁸, Noruega e Dinamarca. Por conta disto, de acordo com Bjørgo (1995), o conflito mundial afetou diretamente o desenvolvimento do nacionalismo norueguês e dinamarquês, não ocorrendo o mesmo na Suécia. Por não ter sido ocupada, o povo sueco não experimentou uma “crise nacional”, onde sentimentos nacionalistas tivessem um “papel unificador na luta por liberdade e democracia” (BJØRGO, 1995, p.185). Por este motivo, símbolos nacionais não possuíam um papel tão significativo na Suécia quanto em outros países. Principalmente a partir da década de 1980, o autor entende que:

“...como símbolos e sentimentos nacionalistas não são muito abrangidos pela maioria dos suecos (exceto quando em conexão com esportes), estes símbolos têm sido apropriados e monopolizados pela extrema direita e por grupos racistas e neonazistas” (BJØRGO, 1995, p. 186, tradução nossa).

Entretanto, durante o período imediatamente posterior à Segunda Guerra Mundial, ainda havia uma preocupação mínima com nazismo em território sueco. O primeiro partido nazista, estabelecido em 1930, nunca foi considerado um fator político relevante, mesmo durante o confronto bélico. Este isolamento político no pós-guerra deixou simpatizantes da ideologia nazista na Suécia completamente marginalizados, sem condições financeiras de levantar fundos para sua causa. De fato, a única tentativa de resgatar estas ideias neste período foi com a criação do *Nordic National Party* (NRP, na abreviação em sueco - *Nordiska Rikspartiet*) – fundado em 1956. Este foi um partido pequeno, com poucos membros e poucos votos recebidos em disputas eleitorais, mas serviu como um elo entre o nazismo sueco dos anos 1930 e os movimentos das décadas de 1980 e 1990 (WESTIN, 2000, p. 194).

¹⁸ Não há um consenso acadêmico sobre a delimitação da região escandinava. Neste trabalho, o termo “Escandinávia” refere-se à região composta por Suécia, Noruega e Dinamarca, enquanto “países nórdicos”, além destes três países, engloba também a Finlândia, Islândia e Ilhas Faroé.

De modo geral, organizações com agendas neonazistas permaneceram numericamente muito pequenas até os anos 1980. Com a criação do *Keep Sweden Swedish* (*Bevara Sverige Svenskt* – BSS) – movimento fundado em Estocolmo em 1979 –, há uma renovação da retórica nazista, com um discurso voltado contra políticas de imigração e contra refugiados em território sueco. Mesmo não pregando, de forma explícita, o resgate da ideologia nazista alemã, há um foco no que já era considerado o maior problema sueco: o multiculturalismo. O BSS procurava afastar qualquer semelhança com organizações nazistas tradicionais¹⁹, buscando, assim, um maior número de seguidores e simpatizantes. Embora o movimento não tenha atingido seus objetivos²⁰, é importante notar que o discurso adotado por seus fundadores apresenta uma abordagem diferente da ideologia nazista alemã, sendo voltada para o contexto histórico sueco daquele período, como foco na imigração (LODENIUS, 2014, p.10-11; WESTIN, 2000, p.194).

A partir desta abordagem, diversas organizações neonazistas suecas foram formadas, muitas delas sendo dissolvidas em poucos anos. Entretanto, o crescimento da cultura *skinhead* na década de 1980, e os crescentes casos de violência na década seguinte, mostrou-se diretamente relacionado com a ascensão do neonazismo na Suécia (WESTIN, 2000, p. 194). Durante os anos 1990, haviam pequenos grupos que propagavam atos de violência contra campos de refugiados, trazendo consigo, inicialmente, uma grande cobertura midiática²¹. Estes ataques, em sua maioria, eram promovidos por grupos *skinheads*, que, em um primeiro momento, não tinham qualquer ligação com grupos neonazistas²². A princípio, havia o entendimento que o comportamento delinquente da cultura *skinhead* não se encaixava com organizações nazistas tradicionais – no que diz respeito às brigas de rua e ataques com explosivos, principalmente. Entretanto, houve a percepção, por parte de aspirantes do neonazismo na Suécia, de que esta cultura seria útil no que tange ao recrutamento de

¹⁹ Vários de seus fundadores estavam diretamente ligados com outras organizações nazistas na Suécia, como o próprio Nordic National Party.

²⁰ Após sua dissolução, o BSS passou por uma fase de reformulação e transformação em outros partidos, resultando, por fim, na criação do Sweden Democrats, em 1988, mantendo o discurso contra o multiculturalismo.

²¹ Ao longo da década de 1990, o interesse da mídia em ataques à campos de refugiados passou a diminuir gradativamente, embora atos de violência continuassem a acontecer (WESTIN, 2000, p. 186).

²² "...ainda que o termo 'neonazismo' evoque uma determinada experiência situada num momento histórico bem conhecido, dela estes grupos [skinheads] só utilizam seus símbolos – para provocar – como eles mesmos afirmam. Além disso, não pretendem, como os nazistas de ontem, assumir o poder sob a liderança de um líder forte para estabelecer uma nova ordem política" (MAGALHÃES, 1998, p. 200). Em suma, há uma parte dos grupos *skinheads* que pode ser classificada como neonazista, mas não o movimento como um todo.

novos membros. A utilização do *white power music*²³ pelos skinheads também se provou uma ferramenta poderosa de propaganda da ideologia neonazista (LODENIUS, 2014, p. 23; WESTIN, 2000, p. 186, 194-195).

É importante notar que, embora ainda sejam numericamente pequenas, as organizações neonazistas suecas conseguiram articular-se e estabelecer uma consolidação com poucas interferências das autoridades. Apesar do crescimento dos casos de violência e de discriminação explícita, os alvos neonazistas eram, de um modo geral, grupos marginalizados pela sociedade – refugiados, imigrantes de origem não-europeia, judeus e homens homossexuais. Portanto, inicialmente, não havia uma identificação direta da sociedade com estes grupos sociais (WESTIN, 2000, p. 186-187, 192). A falta de iniciava, no que tange a políticas públicas eficientes de contenção do neonazismo na Suécia, reflete a incompreensão inicial do governo sobre estas organizações. Percebe-se, neste período, que:

“A inquietação com sentimentos étnicos e nacionais também tem sido refletida nas políticas de minorias na Suécia. Enquanto Noruega, Dinamarca e Finlândia basearam, até certo ponto, suas políticas sobre minorias [étnicas] em formas de gestão de conflitos, onde categorias étnico-culturais acabam sendo relevantes, o “modelo Sueco” tem tentado transformar conflitos entre grupos étnico-culturais em conflitos entre grupos socioeconômicos, que podem ser resolvidos através da redistribuição de recursos econômicos, assim como em conflitos trabalhistas” (BJØRGO, 1995, p.214, tradução nossa).

3.2 O Swedish Resistance Movement: origens, principais ideias e características de atuação

Assim como outras organizações suecas, a formação do Swedish Resistance Movement deriva de outros grupos e movimentos prévios. Um de seus principais fundadores, Klas Lund²⁴, já havia participado do *White Aryan Resistance (Vitt Ariskt*

²³ Gênero musical com ideias xenofóbicas, caracterizado por letras que enaltecem o orgulho e sobrevivência do nacionalismo da raça branca, em detrimento das demais etnias. Combinado a isto, utiliza-se ritmos e melodias de punk rock e derivações do metal, embora também existam vertentes de outros estilos musicais em alguns países (TEITELBAUM, 2014, p. 405-406). Ao longo do tempo, tornou-se comum a utilização de símbolos nacionais ligados à símbolos nazistas no material de divulgação destas músicas, com fins de promoção da ideologia neonazista (WESTIN, 2000, p. 195).

²⁴ Lund, que possui condenações prévias por assalto à mão armada e cumplicidade em assassinato, também foi editor da revista *People’s Tribune (Folktribunen)*. Em sua primeira edição, Lund afirma que, “para os homens

Motstånd – VAM), movimento neonazista ativo durante o início da década de 1990²⁵. Além deste grupo, os demais fundadores do SRM vieram do National Youth (*Nationell Ungdom* – NU), criado em 1997 e concebido, inicialmente, para ser distinto das demais organizações do período²⁶. Ambos os grupos possuíam um histórico de nacionalismo exacerbado, casos de violência e discriminação contra minorias étnico-culturais em território sueco²⁷. Por fim, em meados de 1997, o Sweden Resistance Movement foi fundado como uma nova organização, com membros ativos destes dois grupos anteriores. Entretanto, o National Youth permaneceu como parceiro e tornou-se um movimento paralelo, continuando em atividade até 2006, quando integrou-se, em definitivo, ao SRM (STRØMMEN, 2017, p. 4-5,6). Klas Lund foi o líder por muitos anos, e figura, até hoje, como uma das principais vozes dentro da organização. O atual líder da matriz sueca da organização é Simon Lindberg²⁸.

Em um primeiro momento, o objetivo não era recrutar o maior número de membros possível, mas buscar contato com “indivíduos que possam constituir um tipo de elite, e que estejam preparados para dispor de lealdade incondicional” (LODENIUS, 2014, p. 27). Para Lund, o importante era que os novos integrantes compusessem “um núcleo interno de ativistas fanáticos, que possam trazer cada vez mais a mensagem nacional para as massas” (LUND, [2003] apud STRØMMEN, 2017, p. 6). Os novos membros deveriam dedicar tempo e dinheiro à organização, de modo a contribuir para a expansão de suas estruturas. Inicialmente, havia a distinção de quatro níveis de associação ao movimento:

“No primeiro nível de associação, os membros doam para o grupo, mas não participam em atividades organizacionais. No segundo nível, é esperado que membros doem dinheiro, assim como que participem das atividades do grupo. No terceiro nível de associação, membros doam uma quantidade maior de dinheiro que os dois grupos anteriores, e são requeridos que passem em um teste de aptidão física e recebam treinamento em artes

suecos começarem a lutar por seu povo, são necessários muito mais do que meros argumentos” (LUND, 1997, apud STRØMMEN, 2017, p. 4-5).

²⁵ VAM tornou-se conhecido pelos ataques contra imigrantes e público gay, financiados com dinheiro adquirido de roubos a bancos (COUNTER EXTREMISM PROJECT, [2018], p. 2).

²⁶ No início, o objetivo era fundar um grupo mais sério, diferente da violência skinhead daquele período. Posteriormente, seu discurso voltou-se para o neonazismo através de atos violentos. Seu líder, Erik Hägglund, também havia sido membro ativo de grupos neonazistas anteriores (STRØMMEN, 2017, p. 4).

²⁷ Entre diversos casos, pessoas ligadas ao VAM estiveram envolvidas em ataques com bombas na cidade portuária de Gotemburgo e em um restaurante turco em Estocolmo, em 1991 (FEKETE, 2014, p. 12).

²⁸ Antigo membro da NSF (*National Socialist Front*), partido neonazista predecessor do *Party of the Swedes*. Lindberg considera-se, categoricamente, Nacional Socialista, unindo-se à organização por ver que seus membros “são fortes nas ruas, eles se atrevem a lutar contra a escória” (LINDBERG, 2016 apud HANSON, 2016, n.p.).

marciais. No nível mais alto de associação, os membros mais comprometidos juram um juramento de lealdade ao grupo e sua missão. Estes membros do topo também carregam as responsabilidades exigidas (doações e treinamento em artes marciais) para os membros de grupos mais baixos” (COUNTER, [2018], p. 5).

Neste quesito, experiência pessoal em artes marciais era uma qualidade prestigiada dentro do movimento, sendo importante não só para o indivíduo, mas para a organização como um todo (WESTIN, 2000, p. 199). Ademais, teoricamente, o grupo não propunha uma luta armada, considerando-se um movimento de resistência civil, embora facas e arma de fogo pudessem ser encontradas com alguns membros. Desde este período, a propagação de propaganda, através da white power music e panfletos de conteúdo racista, foi crescendo, e, atualmente, há uma grande atividade online entre simpatizantes²⁹.

De um modo geral, a violência contra refugiados e demais minorias étnico-culturais ainda era uma realidade sueca no final da década de 1990³⁰. Gradativamente, a percepção da opinião pública acerca do crescimento de grupos extremistas na Suécia começou a ganhar a devida importância. No que concerne ao SRM, um crime particularmente importante foi o assassinato do sindicalista Björn Söderberg, morto à tiros na porta de seu apartamento no subúrbio de Sättra (Estocolmo), em 12 de outubro de 1999. Söderberg, que era membro ativo de uma união sindical, havia denunciado seu colega, Robert Vesterlund, de participação em atividades relacionadas ao National Youth. Dois homens, Hampus Hellekant e Björn Lindberg-Hernlund, foram condenados, junto com um cúmplice, pelo assassinato de Söderberg, todos ligados diretamente ao National Youth³¹ (STRØMMEN, 2017, p. 5). Este foi o crime mais notório cometido na Suécia no conturbado ano de 1999³². A morte de Björn Söderberg levou a manifestações nacionais contra a escalada da

²⁹ O Nordfront é o principal web fórum do Nordic Resistance Movement. Há publicações de conteúdos editoriais com informações sobre objetivos e conquistas da organização, e há plataforma de debate para seus usuários. Em novembro de 2017, o web fórum perguntou para seus usuários nomes e endereços dos policiais que haviam participado de uma ação contrária aos interesses do grupo (JENSEN, 2017, p. 3).

³⁰ Desde 1995, há registro de 12 assassinatos de imigrantes. Também é possível ligar à extrema direita assassinatos de gays e membros de coligações contra o neonazismo (JAMES, 1999).

³¹ Tanto Hellekant quanto Lindberg-Hernlund haviam contribuído com publicações no People’s Tribune, sob a supervisão de Klas Lund.

³² Três homens associados com o NSF (National Socialist Front) foram responsáveis pela morte à tiros de dois policiais na cidade de Kisa. As mortes ocorreram após uma tentativa frustrada de assalto à banco, que visava obter dinheiro para a organização. Poucas semanas depois, o jornalista Peter Karlsson, e seu filho de oito anos, foram gravemente feridos após a explosão de uma bomba em frente à sua casa, em Estocolmo. Karlsson havia escrito artigos relacionando organizações neonazistas ao crime organizado, além de promover estudos sobre o white power music na Suécia. Nenhuma pessoa foi presa (FEKETE, 2014, p. 12; WESTIN, 2000, p. 187).

violência na Suécia, reunindo cerca de 40 mil pessoas em todo o país, sendo 20 mil somente em Estocolmo. Estas manifestações caracterizam “os maiores protestos antifascistas³³ na Suécia desde o fim da Segunda Guerra Mundial” (JAMES, 1999, n.p.).

Embora houvesse ideais em comum entre seus membros, ainda não havia uma coesão forte dentro do movimento. Inicialmente em atividade somente na Suécia, não havia o consenso de que a ideologia principal da organização devesse ser, unicamente, guiada pelo Nacional Socialismo – embora suas visões sobre imigração e antissemitismo fossem as mesmas. Entretanto, isto somente tornou-se um problema em 2001, quando conflitos internos começaram a emergir. Para Klas Lund, o SRM deveria seguir a linha Nacional Socialista, enquanto outros membros inspiravam-se em partidos como o NPD³⁴ (Alemanha), mais afastados desta linha tradicional. Por fim, houve uma divisão dentro do SRM, e a ideologia proposta por Klas Lund obteve controle total sobre a organização a partir de 2001 (STRØMMEN, 2017, p. 6). Baseado nisso, o movimento adotou uma posição ainda mais explícita no que diz respeito a visões racistas contra imigrantes e refugiados. De acordo com um de seus principais membros, Haakon Forwald³⁵:

“Os Nórdicos e a raça nórdica estão em perigo iminente. Através do uso de suas posições de poder e de suas influências, traidores, grandes financistas e a mídia inimiga tem, por muitos anos, garantido que as portas para os Nórdicos estejam bem abertas, assim permitindo a invasão racial *alien* em nossas terras” (FORWALD, [2003] apud STRØMMEN, 2017, p. 7, tradução nossa, grifo do autor).

Casos de violência relacionados ao SRM continuaram a ocorrer ao longo dos anos. Em 2005, diversas pessoas, ligadas diretamente à organização, estiveram conectadas com vandalismos em um restaurante voltado para o público LGBTQ³⁶, em Estocolmo. Além disso, vários ataques contra gays foram registrados neste mesmo ano, assim como contra imigrantes e adversários políticos (STRØMMEN, 2017, p. 5). No que tange às pautas referentes às questões de gênero e sexualidade, a retórica

³³ Termo utilizado pelo autor.

³⁴ Acrônimo para *Nationaldemokratische Partei Deutschlands*, nome alemão para o National Democratic Party of Germany (Partido Nacional Democrático da Alemanha).

³⁵ Futuro líder da filial norueguesa do NRM, Norwegian Resistance Movement, fundada em 2011.

³⁶ Acrônimo para Lésbicas, Gays, Bissexuais, Transexuais e *Queers*.

utilizada pelo SRM é interligar o crescimento de políticas radicais de gênero com a diminuição do número de crianças brancas nascidas na Suécia (TEITELBAUM, 2014). Em 2011, durante um encontro da organização, Paulina Forslund, ativista do SRM, argumenta que:

“A união entre homens e mulheres sempre foi uma pré-condição para a vida. Nada pode ser mais importante do que isto. Sem o impulso sexual, não haverá crianças... Nossa raça irá morrer se mais [pessoas suecas] não sentirem essa energia. Essa energia vital está sendo eviscerada por uma sociedade não-natural, onde todos, infelizmente, somos forçados a viver atualmente. [...] Uma sociedade torta, onde homens são encorajados a ser sensíveis e femininos, e mulheres devem, desde a infância, agir mais como homens. Não é surpresa que muitas mulheres, tolamente, escolham homens imigrantes. A mídia retrata o homem estrangeiro como exótico, erótico e masculino” (FORSLUND, 2011 apud TEITELBAUM, 2014, p. 417, tradução nossa).

Percebe-se que, neste discurso, o foco não é sobre uma possível ameaça de homens de diferentes minorias étnicas contra mulheres brancas, mas sim sobre “políticas progressistas, e as maneiras que a suposta castração dos homens brancos tem levado mulheres a escolher parceiros sexuais não-brancos” (TEITELBAUM, 2014, p. 417). Em diversas ocasiões, Paulina teceu repetidas críticas ao movimento feminista, argumentando que mulheres e homens devem trabalhar em conjunto para atingir determinado objetivo. Além disso, o nascimento de crianças brancas faz-se extremamente importante, e o cuidado destas crianças deve ser a principal tarefa da mulher (FORSLUND, 2015). É interessante notar que, apesar do que está disposto em seu manifesto oficial acerca do papel tradicional da mulher na sociedade, há mulheres ativas no SRM (e no Nordic Resistance Movement, como um todo).

Entre setembro e outubro de 2007, um membro do SRM, Niklas Frost, foi condenado a cinco anos de prisão, após esfaquear um ativista de um grupo de esquerda no pescoço, no centro de Estocolmo. Para a organização, Frost foi condenado por sua afiliação política, argumentando que não haveria provas claras que o incriminassem (COUNTER, [2018], p. 14). Em 2008, alguns ativistas do SRM foram presos após agressões contra um jovem, em Gotemburgo, por supostamente estar ligado a movimentos de esquerda. Neste mesmo ano, uma ação policial prendeu seis membros do SRM, encontrando armas e explosivos em sua posse (COUNTER, [2018], p. 12,14; STRØMMEN, 2017, p. 6). Já em julho de 2010, alguns membros são

presos após ataques contra policiais durante um festival na cidade de Piteå, cerca de 850 quilômetros de Estocolmo (COUNTER, [2018], p. 14; STRØMMEN, 2017, p. 6).

Além destes casos de envolvimento com a polícia na primeira década do século XXI, 2008 também foi o ano em que foi fundada a filial finlandesa do NRM. Em 2011, há o estabelecimento da filial norueguesa, havendo também tentativas de expansão do movimento na Dinamarca e na Islândia³⁷. Com isto, dá-se um caráter transnacional à organização, espalhando-se por toda a região nórdica (STRØMMEN, 2017, p. 7-8). No que tange ao recrutamento de novos membros, percebe-se a adoção de um discurso mais abrangente ao longo dos anos, com o objetivo de atrair mais simpatizantes ao movimento. Com a intensificação da crise de refugiados na Europa, houve um crescimento no número de pessoas recrutadas pelo SRM, diferentemente do discurso seletivo do passado. Entretanto, para Simon Lindberg, seria:

“...muito injusto somente dar credibilidade à crise de refugiados pelo nosso crescimento [SRM], porque nós temos trabalhado duro por muitos, muitos anos e temos ganhado muita experiência durante nossa luta. Sem termos uma base sólida... nós não teríamos recrutado uma única pessoa, não importa quantos imigrantes venham inundando nossas fronteiras” (LINDBERG, 2016 apud COUNTER, [2018], p. 6).

Nos últimos anos, percebe-se um claro aumento das atividades e discursos do SRM na Suécia, buscando uma profissionalização em comparação aos anos anteriores. O número de membros ativos na matriz sueca cresceu cerca de 30% entre 2013 e 2015 (JENSEN, 2017, p. 2). Paralelo a isto, é possível perceber também o crescimento de movimentos antirracistas e contrários à ideologia neonazista. Em dezembro de 2013, cerca de 200 pessoas participaram de uma passeata no subúrbio de Kärtrorp (Estocolmo), contra a escalada da violência e da xenofobia em território sueco. Em determinado momento, cerca de 30 ativistas do SRM atacaram os manifestas com bombas de fumaça, resultando em confronto direto com militantes de esquerda. Cerca de 28 pessoas foram presas e dezenas foram feridas, pois não havia policiamento o suficiente no local³⁸. Em contrapartida a este ataque, cerca de 16 mil

³⁷ Em 2016, Simon Lindberg afirmou que, apesar de haver um movimento de resistência dinamarquês, e existir membros e simpatizantes no país, ele está inativo, pois não haveria alguém certo com “a vontade e capacidade de dirigir a luta na extensão que nós gostaríamos” (STUDIO 204, 2016, n.p.). Há um website no idioma islandês e há o interesse de expandir o NRM neste país, entretanto, ainda há um número pequeno de simpatizantes na Islândia (STRØMMEN, 2017, p. 8).

³⁸ Segundo Andersson (2013), a polícia sueca subestimou a possibilidade de um ataque do SRM, deslocando somente seis policiais para o local da manifestação. Dentre os presos, haviam 23 militantes do SRM e um

peças se reuniram uma semana depois, também em Kärtrorp, para um novo protesto contra a violência extremista (ANDERSSON, 2013; REIS, 2014).

Ao final de 2014, há a divulgação da intenção do SRM de tornar-se um partido político, o que ocorre, oficialmente, em julho de 2015 (COUNTER, [2018], p. 11-12). Neste ínterim, tentativas de comunicação e cooperação com outros partidos políticos e grupos ultranacionalistas, fora da região nórdica, têm sido feitas. No que concerne ao SRM, houve uma aproximação com o *Golden Dawn (Xrysi Avgi)*, partido grego de extrema direita com grande relevância naquele país. Em 2013, aproximadamente 80 membros do SRM participaram de uma manifestação em frente à embaixada da Grécia, em Estocolmo, como forma de repúdio à prisão de 20 membros do Golden Dawn pelo governo grego (COUNTER, [2018], p. 18). Ademais, em 2015, o líder do *Russian Imperial Movement (Russkoe Imperskoe Dvizhenie – RID)*, Stanislav Vorobyov, reuniu-se com membros do SRM durante um evento chamado *Nordic Days*³⁹. Após este evento, o RID forneceu um grande apoio financeiro ao movimento nórdico (STRØMMEN, 2017, p. 8-9). Também há tentativas de aproximação com outros grupos de extrema direita europeus por parte das demais filiais do Nordic Resistance Movement. Outro aspecto importante no ano de 2015 foi a posse do novo líder da organização – e, agora, partido político –, Simon Lindberg, substituindo Klas Lund.

Os anos de 2016 e 2017 foram considerados grandes marcos “de luta e sucesso” para o SRM, com diversas publicações e manifestações. No mês de maio de 2016, após uma manifestação reunindo centenas de pessoas na cidade de Borlänge, o movimento publicou uma nota, onde diz que o crescimento da violência no país é algo positivo:

“Esta mudança de paradigma [crescimento da criminalidade, violência e agressividade de invasores não-brancos] significa que os olhos estão abertos; que o bom senso irá prevalecer novamente; que diferenças raciais serão, mais uma vez, consideradas realidades atuais.

Isto, obviamente, não significa que todas as pessoas, automaticamente, se tornarão Nacionais Socialistas. De fato, nós, a minoria comprometida e informada, precisamos aumentar o ritmo de nossas atividades. Elas serão muito mais produtivas agora do que em anos anteriores.

[...]

ativista de esquerda, que esfaqueou um membro do SRM durante a confusão generalizada (STRØMMEN, 2017, p. 7-8).

³⁹ Para Vorobyov, a “estratégia sionista no Oriente Médio será usada para dividir e dominar as nações da Europa no futuro”, citando as atividades do Estado Islâmico na Europa como um exemplo (VOROBYOV, 2015 apud STRØMMEN, 2017, p. 8).

Não se pode argumentar que há alguma coisa, qualquer coisa, que justificaria você não se juntar à luta. ‘O que o chefe ou os amigos vão dizer’ – e daí? Se você se arriscar a levar uma pedrada na cabeça quando nós tomarmos as ruas – e daí? Quando nós estamos prestes a perder tudo, então não há nenhum risco tão grande.

Muitos de nós estamos cientes que o que está acontecendo agora na Europa é somente o começo – uma prova do que está por vir. Isto é, claro, infinitamente trágico. Mas, talvez, seja também a única coisa que pode salvar nosso povo...

Derrotistas reclamam sobre a situação, e nos dizem que tudo está perdido e que é hora de fugir do país. Mas nós sabemos que o Nordic Resistance Movement está crescendo todos os dias – e quanto mais os invasores raivosos se enfurecerem e causarem caos, mais as pessoas que poderiam, anteriormente, terem ignorado a política – ou até aprovado o ‘multiculturalismo’ – irão decidir que eles já tiveram o bastante.

Claro que há casos incuráveis e traidores ativos, mas quando nos estabelecermos para recuperar nossos países, seus slogans e contra demonstrações não terão nenhum efeito. Quando estupradores não-brancos correrem descontroladamente em nossas cidades e tornarem impossíveis as vidas normais das pessoas, esquerdismo e slogans de mídia não terão mais qualquer efeito” (NORDFRONT, [2016?] apud PENNINGTON, 2016, n.p., tradução nossa).

Em uma entrevista para o talk show nacionalista Studio 204 (2016), Lindberg fala suas projeções para o futuro do SRM e do Nordic Resistance Movement:

“Eu quero que o NRM ascenda ao poder nos países nórdicos, e proclame um norte livre e unificado que permaneça fortemente sólido, pronto para as lutas que vierem contra os sionistas do mundo. E eu estou pessoalmente falando por mim, preparado tanto para lutar e morrer e fazer tudo em meu poder para fazer este desejo tornar-se realidade.

[...]

Muitas coisas estão fora do nosso alcance para decidirmos, mas posso garantir [...] que nós temos planos para quase todos os possíveis cenários no futuro. Nós iremos prevalecer, nenhum governo mundial controlado por sionistas, ou seus capangas traidores de raça, irão mudar este fato” (STUDIO 204, 2016, n.p., tradução nossa).

Quando perguntado sobre a possibilidade de expansão do Nordic Resistance Movement para outros países, além do território nórdico, Lindberg é categórico ao afirmar que é necessário cuidado:

“Sou positivo à ideia [expandir o movimento para outros países], mas eu também sou um pouco cauteloso. Nós precisamos manter nossas cabeças calmas e não nos irmos insanos com planos massivos de expansão. Primeiro de tudo, eu realmente gostaria que nós estabelecêssemos o movimento corretamente na Dinamarca e na Islândia, para começar” (STUDIO 204, 2016, n.p., tradução nossa).

Em novembro de 2016, mais um caso de confronto entre membros do SRM e movimentos antirracistas é registrado em Estocolmo. Cerca de 600 manifestantes do SRM realizavam uma marcha em comemoração à vitória de Donald Trump na disputa eleitoral nos Estados Unidos (PASHA-ROBINSON, 2016). Para os manifestantes, a vitória de Trump é mais um sinal claro de que “uma revolução mundial está começando” (COUNTER, [2018], p. 11). Ademais, o fim de 2016 e começo de 2017 foram marcados por explosões em asilos para refugiados em Gotemburgo, havendo a prisão de três suspeitos ligados ao SRM⁴⁰. Embora, oficialmente, a retórica da organização seja voltada para afastar-se de qualquer envolvimento com este tipo de ataque, há um apoio público aos suspeitos nestes casos (LAMELA, 2017).

⁴⁰ A primeira explosão ocorreu em novembro de 2016, enquanto a segunda aconteceu no primeiro em janeiro de 2017. Um terceiro artefato foi encontrado em um local que abrigava refugiados temporariamente, mas a bomba não detonou (COUNTER, [2018], p. 11).

4 AS CARACTERÍSTICAS DE ATUAÇÃO DO NORDIC RESISTANCE MOVEMENT NA FINLÂNDIA

Neste capítulo, será analisada a filial finlandesa do Nordic Resistance Movement – chamada Finnish Resistance Movement –, considerando suas características de atuação na Finlândia. Como o FRM foi criado, oficialmente, somente em 2008 – originário do SRM, fundado em 1997 –, dar-se-á foco nas particularidades desta organização em relação ao grupo sueco, a partir do contexto do país no período analisado.

A Finlândia não possui um passado colonial, nem recebeu um fluxo grande de imigrantes após a Segunda Guerra Mundial⁴¹. A presença dos primeiros imigrantes muçulmanos no país remonta ao século XIX, com a vinda de soldados do exército da Rússia. Entretanto, a população muçulmana no país só foi começar a crescer, de fato, a partir dos anos 1990, durante uma grave crise econômica na Finlândia. A maioria dos muçulmanos a chegar no país eram refugiados, principalmente, de origem árabe (HYÖKKI & JARDI, 2016).

O significativo aumento no número de refugiados a desembarcar em território finlandês, com a crise migratória europeia, é algo que o país de 5,5 milhões de habitantes não estava acostumado. Estima-se que o total de muçulmanos vivendo em território finlandês chega a, aproximadamente, 65 mil pessoas (HYÖKKI & JARDI, 2016, p. 136). Neste aspecto, sentimentos negativos e atitudes de violência também tem crescido no país. O Finns Party, terceiro maior partido no parlamento finlandês, é, atualmente, o maior partido político com uma agenda crítica ao multiculturalismo.

Organizações ativistas com pautas de extrema direita e, mais especificamente, Nacionais Socialistas, não são tão comuns na Finlândia, pois, de uma maneira geral, eles são pequenos e são dissolvidos em pouco tempo (FINLAND, 2018). O FRM apresenta-se como uma exceção. Apesar de possuir pouco menos de cem membros ativos em todo o território finlandês, o FRM é, atualmente, o maior movimento militante declaradamente Nacional Socialista do país (HIETIKKO, 2016a, p. 11; JENSEN, 2017, p. 3).

⁴¹ O país, que já foi parte do Reino da Suécia e também do Império Russo, tornou-se independente somente em 1917, entrando em um período de guerra civil. Durante a Segunda Guerra Mundial, o país entrou em um conflito com a União Soviética, chamado de Guerra de Inverno.

4.1 Finnish Resistance Movement – fundação e primeiros anos

O estabelecimento do Finnish Resistance Movement, em 2008, deu-se de uma maneira completamente diferente de sua contraparte sueca. Em um primeiro momento, não era do interesse do Swedish Resistance Movement estabelecer uma filial na Finlândia. Seu primeiro líder, Esa Henrik Holappa⁴², entrou em contato com o SRM pela primeira vez ao final de 2007, embora já tivesse um longo histórico de interesse e participação em outros grupos de extrema direita. Eventualmente, Holappa foi convidado, junto com Mikko Haapakoski, para participar de um evento na casa de Klas Lund, estabelecendo contatos com demais ativistas da organização na Suécia. Após diversas participações em atividades relacionadas ao ativismo de rua do SRM, houve a autorização, por parte dos líderes suecos, para a fundação do Finnish Resistance Movement. Holappa permaneceu à frente da organização até 2012, assumindo um papel menos ativo no movimento a partir de então, e saindo, em definitivo, em 2014 (HIETIKKO, 2016a, p. 13-14). Em 2016, dois anos após sua saída oficial do FRM, Holappa publicou uma autobiografia em que denuncia as atividades da organização, além de conceder entrevistas sobre a ideologia neonazista que permeia o movimento (VARIS, 2017, n.p.).

Após o afastamento de Esa Holappa da liderança da organização, o FRM foi liderado por Juuso Tahvanainen, de 2012 até 2015. A partir deste momento, o sistema de liderança concentrado em uma única pessoa foi abandonado, sendo substituído pela formação de um conselho finlandês. Desde 2016, o conselho que lidera a filial finlandesa da organização nórdica consiste de representantes dos grupos ativistas de cada cidade onde há a presença do FRM⁴³, além de quatro comissários especiais (VARIS, 2017, n.p.). Atualmente, os principais nomes dentro do movimento são Antti Lehto e Paavo Laitinen – responsáveis pelas publicações oficiais e processo de recrutamento –; Antti Niemi, coordenador das atividades do FRM; e Otto Rutanen, responsável pelas relações internacionais da filial finlandesa (VARIS, 2017, n.p.).

⁴² Apesar de ser apontado como um dos fundadores e principal líder do movimento na Finlândia, o próprio Holappa diz que, efetivamente falando, não tinha nenhum poder dentro do FRM. Suas principais atribuições envolviam a administração das atividades e debates online, embora fosse, nominalmente, o líder da organização (HIETIKKO, 2016a, p. 13; VARIS, 2017).

⁴³ Em 2016, haviam somente oito cidades finlandesas com presença de grupos ativos do FRM: Turku, Tampere, Jyväskylä, Oulu, Lahti, Pori, Lappeenranta e a capital Hensinki (VARIS, 2017).

Logo nos seus primeiros anos, o FRM manteve um perfil discreto, evitando estar sob os holofotes do grande público. Suas principais atividades consistiam em distribuir panfletos e adesivos de conteúdo racista, esforçando-se para evitar qualquer tipo de conflito que pudesse chamar atenção para o grupo (HIETIKKO, 2016a, p. 14; JENSEN, 2017, p. 3). Desde o início, percebe-se um movimento hierarquizado, apresentando um forte caráter organizacional. Há uma grande presença online de seus ativistas, com utilização das redes sociais como método de recrutamento de novos integrantes. Apesar disto, ainda há uma cautela no que diz respeito à comunicação online, mesmo entre os membros mais jovens. Até hoje, faz-se uso de e-mails criptografados como forma de proteção dos canais de comunicação do movimento⁴⁴, evitando a exposição de seus planos para a polícia e demais instituições de segurança finlandesas (STORMARK & STRØMMEN, 2016). Entretanto, há muitos encontros presenciais entre seus membros. Como uma forma de atrair novos integrantes, o FRM busca criar um ambiente voltado para atividades como leituras de obras, treinamentos coletivos de artes marciais, eventos esportivos, caminhadas em grupo em florestas e treinamentos de sobrevivência ao ar livre (HIETIKKO, 2016a, p. 11).

Contudo, casos de violência envolvendo membros do FRM logo surgiram⁴⁵. Em 2012, um homem ligado ao FRM foi acusado de atacar o político de esquerda Dan Koivulaakso, com gás de pimenta no rosto. O ataque ocorreu em um evento sobre minorias de gênero, com seminários a favor dos direitos da população LGBTQ, na cidade de Oulu, no norte da Finlândia (COUNTER, [2018], p. 12). Ainda em 2012, houve uma briga de rua entre ativistas do FRM e militantes antirracistas na cidade de Tampere, cerca de 180 quilômetros de Helsinki. O líder da organização naquele período, Juuso Tahvanainen, foi para o hospital devido aos ferimentos (HIETIKKO, 2016a, p. 17).

Já em janeiro de 2013, um segurança de uma biblioteca pública foi esfaqueado durante um evento de publicação de um livro sobre a extrema direita, na cidade de Jyväskylä, no centro do país. Três homens ligados ao FRM estiveram envolvidos neste

⁴⁴ “Nós usamos e-mails criptografados e evitamos conversar muito ao telefone. Nós nunca falamos sobre a organização pelo telefone, pelo menos não em grandes detalhes” (HOLAPPA, [2016?] apud STORMARK & STRØMMEN, 2016, n.p., tradução nossa).

⁴⁵ Não é o objetivo deste trabalho citar todos os atos de violência e ataques que são atribuídos aos membros do FRM. Analisar-se-á somente os casos mais relevantes para fins de escopo desta pesquisa.

incidente⁴⁶, trazendo o movimento nórdico aos holofotes finlandeses (HIETIKKO, 2016a, p. 14; JENSEN, 2017, p. 3). De acordo com Holappa, este acontecimento em Jyväskylä foi marcante⁴⁷, pois traz traços de violência explícita para o FRM. Segundo ele:

“No começo, [...] o Finnish Resistance Movement planejava suas demonstrações e seu ativismo nas ruas de uma maneira que eles não chamassem muita atenção. Os membros treinavam para serem capazes de defenderem a si próprios contra manifestantes contrários. Isto mudou com o ataque com faca em Jyväskylä” (HOLAPPA, [2016?] apud HIETIKKO, 2016a, p. 14, tradução nossa).

O incidente em Jyväskylä trouxe um debate interno⁴⁸ sobre o emprego da violência na organização finlandesa. Até aquele momento, líderes do FRM pregavam, teoricamente, que atos explícitos de violência fossem evitados, exceto em casos de defesa pessoal. Entretanto, apesar deste discurso, Holappa diz que atitudes violentas se tornaram cada vez mais frequentes:

“No começo, nosso alinhamento era de ignorá-los [opositores à ideologia do FRM]. Se alguém começasse a gritar, eles seriam ignorados. Nós não deveríamos responder da mesma maneira. Agora [2016], parece que o FRM tem adotado uma abordagem mais dura. Isto significa que, quanto mais o FRM for visto nas ruas, mais brigas nós veremos. Pode ser sobre oponentes políticos, ou apenas pessoas normais que estejam no lugar errado. O movimento de resistência quer mostrar quem ele é” (HOLAPPA, [2016?] apud HIETIKKO, 2016a, p. 15, tradução nossa).

Para Holappa, há uma grande diferença entre a imagem que a organização tenta mostrar publicamente e as características de atuação de seus membros ativistas. De modo a desvincular sua imagem de conotações racistas e violentas – e, assim, atrair mais simpatizantes –, percebe-se uma tentativa de apresentar o discurso do movimento como patriota e difusor de ideais nacionalistas. Entretanto, atos de violência mostram-se estruturalmente ligados ao ativismo do FRM na segunda década

⁴⁶ Em 2015, a pessoa apontada pelas autoridades como o responsável pela facada no segurança recebeu a sentença de um ano e meio de prisão (COUNTER, [2018], p. 12).

⁴⁷ Para o pesquisador da Universidade de Tampere, Jussi Jalonen, o ataque ao segurança em Jyväskylä teve um grande impacto na população do país, pois foi o primeiro a utilizar uma faca (JALONEN, [2013] apud HELSINKI TIMES, 2013).

⁴⁸ Líderes do FRM tentaram argumentar que o movimento não estava por trás do ataque em Jyväskylä, e que os ativistas que foram responsabilizados haviam agido sozinhos. Dito isto, a liderança da organização esforçou-se para silenciar este assunto entre seus membros (HIETIKKO, 2016a, p. 15-16).

do século XXI (HIETIKKO, 2016a, p. 12; VARIS, 2017). A partir de 2015, há o crescimento de atividades violentas do movimento – e, por consequência, o crescimento de confrontos com grupos antirracistas. Em virtude do fluxo exponencial do número de refugiados muçulmanos que buscavam abrigo em território finlandês neste período, têm-se o cenário ideal para a ascensão das atividades de rua e recrutamento do FRM (HIETIKKO, 2016a, p. 12-13; VARIS, 2017).

4.1.1 Patrulhamento e tentativas de cooperação

Dentre todos os movimentos de vigilantes que foram formados neste período na Finlândia, o mais relevante para esta pesquisa é o Soldiers of Odin (SoO)⁴⁹. Este grupo foi fundado, em 2015, por um membro do FRM, Mika Ranta⁵⁰, na cidade nortenha de Kemi⁵¹ (HIETIKKO, 2016a). Apesar de contar com poucos membros ativos em território finlandês, o movimento rapidamente espalhou-se ao redor do país. Em pouco tempo, o grupo também se expandiu ao redor do mundo, possuindo filiais na Austrália, Estados Unidos, Canada e em diversos países europeus, desde a França até a Estônia (ARCHAMBAULT & VEILLEUX-LEPAGE, [2017], p. 2-3). Seus integrantes se autoproclamam patriotas, e sua principal atividade consiste no patrulhamento coletivo nas ruas das cidades, almejando proteger, principalmente, as mulheres brancas finlandesas. O SoO possui uma agenda totalmente voltada para questões anti-imigração, principalmente contra homens de países muçulmanos, que são associados à imagem do estupro (FAIOLA, 2016; FORSELL & ROSENDAHL, 2016; HIETIKKO, 2016a, p. 13).

Embora o SoO seja, por si só, um grupo vigilante independente, sua ideologia está diretamente atrelada ao posicionamento do FRM⁵². De fato, ao iniciar o

⁴⁹ Nome inspirado em um dos principais deuses da mitologia nórdica. Neste capítulo, serão abordados somente alguns aspectos deste grupo, de modo a contribuir para o tema de análise desta monografia.

⁵⁰ Ranta não se considera neonazista, mas sim um Nacional Socialista, reiterando o discurso que atos violentos só são aceitos em casos de defesa pessoal (VARIS, 2017).

⁵¹ Os limites municipais de Kemi ficam perto da cidade de Tornio, que faz fronteira com a Suécia na região finlandesa de Lapland, no extremo norte do país. Devido a sua posição estratégica, Tornio tornou-se uma porta de entrada para imigrantes que vêm da Suécia (FORSELL & ROSENDAHL, 2016).

⁵² Entretanto, a posição oficial do Soldiers of Odin parte da negação de qualquer conotação racista ou violenta que venha a ser atrelada ao grupo. Apesar de reconhecer que seu fundador possui claras ligações com o FRM, e que alguns outros membros possuem histórico criminal, o movimento nega ser Nacional Socialista, argumentando que a ideia por trás do patrulhamento não é provocar, mas sim proteger a população local, inclusive pessoas de diferentes origens étnicas (HELSINKI TIMES, 2016b). Apesar disto, discussões online entre

movimento, Ranta pediu permissão aos líderes do FRM para fazê-lo. Publicamente, Ranta nega qualquer relação entre o patrulhamento das ruas do Soldiers of Odin e os atos de violência explícita associados com membros do FRM. Contudo, ambos os movimentos referenciam as atividades um do outro, através de publicações online e compartilhamento de vídeos, mostrando uma conexão entre ambos (HIETIKKO, 2016a, p. 13).

Uma característica importante a ser observada, no que concerne às atividades do FRM, é a sua tentativa de estreitar laços com demais organizações de extrema direita, nacionais e internacionais⁵³. A relação próxima entre o FRM e outras organizações, semelhante à cooperação com o SoO, é um dos objetivos do Nordic Resistance Movement, de um modo geral. Em 2015, Juuso Tahvanainen participou de uma conferência na Alemanha, organizada pelo partido alemão NPD, de modo a buscar a aproximação entre organizações com ideologias consideradas semelhantes (COUNTER, [2018], p.18; STRØMMEN, 2017, p. 9). No mesmo ano, o líder da *National Action*⁵⁴, Benjamin Raymond, fez uma visita aos líderes do FRM na cidade de Turku, uma das maiores do país. Um ponto interessante deste aspecto é o estreitamento de laços com organizações russas. Para Holappa, o entendimento do Nordic Resistance Movement acerca do Estado russo, como um todo, é que a Rússia, de Vladimir Putin, é um Estado defensor de valores tradicionais, diferentemente da União Europeia. Na Finlândia, isto representa uma atitude diferente das demais organizações de extrema direita⁵⁵ (HOLAPPA, [2016] apud HIETIKKO, 2016b, n.p.).

4.1.2 Crescimento da violência e proibição das atividades do FRM

Assim como no SRM, o ano de 2016 foi marcante para a filial finlandesa do movimento nórdico, tanto em termos de expansão de atividades quanto em termos de

seus integrantes apontam diálogos de conteúdo racista e interesse por armas de fogo e símbolos nazistas (YLE, 2016).

⁵³ “Enquanto o Finnish Resistance Movement é, agora, mais aberto e cooperativo, tem havido pouco sucesso em unificar a extrema direita. Outras organizações nacionalistas ainda são afastadas pela ideologia nazista do FRM. Entretanto, existem contatos entre a organização e o resto da direita finlandesa, particularmente em Turku” (HIETIKKO, 2016a, p. 12).

⁵⁴ Organização britânica fundada em 2013.

⁵⁵ Em virtude do passado histórico finlandês com a Rússia, a extrema direita na Finlândia tem sido, tradicionalmente, contrária aos russos. Com isto, apesar desta aproximação com organizações russas, como o Russian Imperial Movement, membros do FRM são um pouco mais reticentes com esta cooperação, em comparação com os integrantes da matriz sueca (HIETIKKO, 2016b, n.p.).

repercussão. Neste ano, o FRM passou a participar ativamente de demonstrações públicas contra imigrantes e refugiados, assim como a organizar eventos tecendo críticas ao multiculturalismo no país. Percebe-se um esforço para mostrar à sociedade que a organização é muito maior do que ela realmente é⁵⁶. Dito isto, casos envolvendo violência contra minorias étnico-culturais ganham uma forte cobertura da mídia, tendo grande reflexo na opinião pública (VARIS, 2017, n.p.).

No feriado do Dia do Trabalho de 2016, ativistas do FRM viajaram para a Suécia para participar de uma manifestação do SRM nas ruas da cidade de Borlänge, na região central do país sueco. Membros do FRM também participaram de outros eventos de rua promovidos pela matriz sueca, o que demonstra que há um trabalho em conjunto para promoção de ideais de supremacia branca e unificação nórdica (COUNTER, [2018], p. 18; VARIS, 2017, n.p.).

Em junho de 2016, houve um evento, organizado pelo FRM, chamado Future Days (Tulevaisuuspäivät, em finlandês), sediado em Jyväskylä. O evento, que é destinado somente para membros do grupo e pessoas próximas à organização, consiste em prática de artes marciais e discursos enaltecendo os ideais do Nacional Socialismo⁵⁷ (VARIS, 2017, n.p.). Um dos ativistas do grupo da cidade de Oulu, Santeri Juhani Keränen, disserta sobre as estratégias do movimento:

“Nossa meta, a curto prazo, é iniciar grupos ativistas ao redor da Finlândia para educar um número de ativistas cívicos patriotas do mais alto calibre e capacidade de ação quanto possível. Adicionalmente, nós desejamos afetar o clima político do país com atividade nacionalista pública e de pressão à elite, como, por exemplo, o *Lapua Movement* fez nos anos 1930. Nossa meta, a longo prazo, é construir uma sociedade paralela nacionalista dentro da Finlândia. Ao juntar-se ao Movimento de Resistência, comprometimento a longo prazo é muito importante. Com isto, nós criamos confiabilidade no crescimento e atividade da organização. Nós temos visto como outras organizações numerosas têm emergido, mas então desapareceram, porque eles não gerenciaram construir uma associação organizada e comprometida ao redor de si próprios” (KERÄNEN, 2016 apud VARIS, 2017, n.p., tradução nossa).

⁵⁶ A distribuição de material racista, assim como material de propaganda da ideologia Nacional Socialista, continuava a ocorrer de forma extensiva, com membros viajando por diversas cidades somente para este propósito. Além disso, o material distribuído passou a dar mais ênfase em questões antissemitas, existindo também propagandas negando a existência do Holocausto e enaltecendo a figura de Hitler (VARIS, 2017, n.p.).

⁵⁷ Simon Lindberg, atual líder da organização na Suécia e maior voz dentro do movimento como um todo, compareceu ao evento, afirmando que “nós somos um e o mesmo movimento, embora nós operamos em países diferentes” (VARIS, 2017, n.p.).

Entretanto, em setembro de 2016, um membro do FRM envolveu-se em um homicídio, o primeiro óbito causado por motivações políticas em décadas na Finlândia (VARIS, 2017). Durante uma demonstração no centro da capital Helsinki, um finlandês, chamado Jimi Joonas Karttunen, foi atacado por ativistas do FRM e morreu poucos dias depois, em virtude de uma hemorragia cerebral (GABLE, 2016). De acordo com familiares, Karttunen estava passando pelo local e aproximou-se do ato para conversar com os manifestantes sobre extrema direita política, sendo agredido logo em seguida. Segundo o FRM, Karttunen começou a “comportar-se de maneira agressiva” ao reconhecer o símbolo do movimento nórdico em suas bandeiras⁵⁸ (VARIS, 2016, n.p.). Um dos membros do FRM, Jesse Torniainen, foi acusado de ter desferido um chute no peito da vítima, fazendo com que ela caísse e batesse a cabeça no chão. Alguns meses depois, Torniainen foi sentenciado a dois anos de prisão (COUNTER, [2018], p. 11; VARIS, 2016).

A notícia da morte de Jimi Karttunen ganhou repercussão nacional e internacional, desencadeando manifestações contrárias à violência neonazista na Finlândia e Suécia (VARIS, 2017, n.p.). Para o político parlamentar Ville Niinistö, o governo finlandês, e os partidos vigentes no poder, não dão a devida importância à ameaça do crescimento de organizações como o FRM:

“É claro que nós temos estado quietos sobre as atividades neonazistas na Finlândia por muito tempo. Neonazistas possuem uma ideologia violenta, subversiva e racista. O Finnish Resistance Movement usa a ameaça da violência deliberadamente como dissuasão” (NIISISTÖ, 2016 apud HELSINKI TIMES, 2016a, n.p.).

Apesar da repercussão negativa que o assassinato de Karttunen trouxe para o FRM, o movimento seguiu organizando manifestações públicas de seus ideais nacionais socialistas. Um exemplo foi a realização de uma marcha, em Helsinki, no dia de comemoração da Independência da Finlândia, em seis de dezembro de 2016, reunindo cerca de 150 pessoas⁵⁹ (VARIS, 2017, n.p.).

Entretanto, entre o final de 2016 e o início de 2017, o Conselho de Polícia Nacional da Finlândia tomou medidas judiciais para banir a existência do grupo

⁵⁸ Em um vídeo postado pelo grupo nas redes sociais, Karttunen aparece deitado ao lado de uma poça de sangue. Na mesma publicação, membros do FRM comentam que tiveram que “disciplinar” algumas pessoas que os desafiaram (GABLE, 2016, n.p.).

⁵⁹ De acordo com o FRM, esta foi a maior demonstração Nacional Socialista na Finlândia desde os anos 1930 até aquele momento (VARIS, 2017, n.p.).

nórdico no país. Para as autoridades, o FRM estimula e recompensa seus membros a cometerem atos de violência contra minorias étnicas, público LGBTQ e quaisquer opositores antirracistas (ROBINS-EARLY, 2017). A Corte do Distrito de Pirkanmaa, na região sul do país, aceitou a moção contra a filial finlandesa em novembro de 2017, tornando as atividades do FRM oficialmente ilegais. Segundo a Corte, o Nordic Resistance Movement, como um todo, é uma organização cujos objetivos violam os valores democráticos, indo em direção oposta aos princípios morais da sociedade finlandesa (HELSINKI TIMES, 2017). Com isto, o FRM tornou-se o primeiro movimento político a ser banido na Finlândia em quarenta anos (SPUTNIK INTERNATIONAL, 2017, n.p.).

Apesar de a organização agora estar, oficialmente, proibida de exercer suas atividades na Finlândia, os ativistas do FRM seguem contestando a decisão da Corte de Pirkanmaa. Em outubro de 2017, um mês antes da decisão final da Corte, o movimento reuniu cerca de 200 pessoas em uma marcha na cidade de Tampere, capital do distrito de Pirkanmaa. Mesmo após a proibição oficial, manifestantes do grupo participaram da marcha tradicional no dia da Independência do país, estimando-se a participação de 320 ativistas do FRM e 80 membros do Soldiers of Odin (SPUTNIK INTERNATIONAL, 2017, n.p.).

4.2 Diferenças ideológicas entre Swedish Resistance Movement e o Finnish Resistance Movement

Desde 2008, com a fundação oficial do FRM, o Nordic Resistance Movement passou de uma organização estritamente sueca para uma organização pan-nórdica. Neste ínterim, todas as suas filiais estão permanentemente em comunicação umas com as outras, seja via online ou em encontros presenciais, de modo a definir suas metas e objetivos em comum (COUNTER, [2018], p. 18). De acordo com Esa Holappa, a filial finlandesa é muito importante para o movimento nórdico como um todo. Contudo, existem algumas diferenças ideológicas entre as duas filiais, e, ocasionalmente, isto causa algum desentendimento (HIETIKKO, 2016a).

Segundo Holappa, o SRM é ideologicamente representante do ideal Hitlerista, possuindo uma abordagem mais clássica e tradicional do Nacional Socialismo, enquanto a filial finlandesa é um pouco mais diversa. Alguns membros do FRM possuem maior afinidade com movimentos como o Casa Pound, partido fascista

italiano com forte pauta anti-imigração, porém menos extremista. Holappa diz, inclusive, que vários ativistas do FRM, responsáveis pela propaganda e difusão de informações online do grupo, ameaçaram deixar o movimento, caso haja a adoção de uma via mais tradicional do Nacional Socialismo (HIETIKKO, 2016a, p. 17-18).

Para a cúpula do movimento na Suécia, desde que o FRM se mantenha como uma organização ativa, apoiando publicamente o Nacional Socialismo, não há motivos para preocupação (HIETIKKO, 2016a, p. 18). Holappa afirma que:

“Existem tantas ideologias dentro do FRM quanto existem membros. [...] A única coisa mantendo o movimento junto é ativismo. Não há uma ideologia comum. Oficialmente, alguém diz que o movimento trabalha para uma República Nórdica Nacional Socialista. Em realidade, poucos membros realmente acreditam nisto. Eles acreditam e confiam em uma organização oferecendo a eles várias formas de atividade, e a possibilidade de viajar para outros países para conhecer pessoas com pensamento semelhante. FRM está a caminho de desenvolver-se em uma organização no estilo da Casa Pound” (HOLAPPA, [2016] apud HIETIKKO, 2016a, p. 18).

Sobre a violência empregada nos dois países, Holappa enxerga o SRM mais perigoso e violento do que sua contraparte finlandesa. O movimento sueco estaria muito mais disposto a atacar e cometer atos de violência contra refugiados e opositores (HIETIKKO, 2016a, p. 16).

Por fim, Holappa afirma que o futuro do Nordic Resistance Movement na Suécia depende inteiramente do seu estabelecimento como um partido político, e que, caso não obtenha sucesso, poderia haver sua dissolução. Entretanto, o futuro do movimento na Finlândia não é inteiramente dependente dos suecos. Embora ainda seja uma organização consideravelmente pequena em comparação com o SRM, o diferencial da filial finlandesa é a sua capacidade de atrair membros através de atividades sociais. Contudo, isto depende diretamente do desenvolvimento da sociedade nos próximos anos (HIETIKKO, 2016a, p. 19).

5 CONCLUSÃO

A presente monografia procurou contribuir com a ampliação do conhecimento em um tema não muito abordado pelos meios acadêmicos brasileiros – no que se refere aos estudos da região nórdica, pelo menos. O crescimento de organizações com ideologias neonazistas, principalmente na Europa, suscitou o aumento de diversas pesquisas referentes a este assunto. Além disso, percebe-se a ascensão do discurso atrelado ao Nacional Socialismo em países fora da esfera europeia, como Estados Unidos, Canadá, Austrália, Brasil, entre outros.

Análises de países nórdicos, como Suécia e Finlândia, são pouco comuns fora de instituições de ensino do continente europeu – possivelmente, com a exceção de estudos sobre o modelo de welfare state. Neste aspecto, este trabalho procurou esclarecer o padrão de atuação neonazista – através de um movimento com características permeadas pela violência – em países considerados modelos em aspectos sociais e de políticas públicas. Por fim, dada a importância do entendimento desta ideologia no cenário internacional atual – principalmente em virtude da crise de refugiados na Europa –, espera-se colaborar para a produção bibliográfica brasileira sobre neonazismo, no campo das Relações Internacionais.

Primeiramente, para fins de análise e operacionalização conceitual do objeto de estudo, abordou-se uma definição clara do termo “neonazismo”. A partir do conceito de Oliveira (2015), entende-se que neonazista é aquele que promove os ideais clássicos do Nacional Socialismo alemão, havendo uma adaptação às condições históricas, políticas, socioculturais e econômicas da nação em questão. Há o desejo de implementação de um Estado nazista totalitário, fortemente ancorado no nacionalismo étnico-cultural de seu povo. Agregando os estudos sobre extremismo empregados, principalmente, por Magalhães (1998), vê-se uma entidade neonazista predisposta a utilizar a violência para garantir a sobrevivência étnica-racial do povo nacional branco. Ademais, observa-se um conservadorismo crítico acerca de questões socioculturais – políticas de imigração, práticas enaltecidas do multiculturalismo, direitos da população LGBTQ, papel da mulher na família e na sociedade, entre outros.

No que se refere aos resultados obtidos, através da análise dos ideais do Nordic Resistance Movement na Suécia e na Finlândia, sob a ótica do neonazismo, percebeu-se que o movimento busca objetivos muito claros. Por intermédio de seu

manifesto oficial – que também serve como programa de partido da matriz sueca –, as principais lideranças da organização pregam uma unificação da região nórdica. Segundo eles, é somente por meio de um governo Nacional Socialista que a nova Nação Nórdica unificada poderá garantir a sobrevivência étnico-cultural de seu povo. Há entendimento de que as potências liberais democráticas do sistema internacional formam uma elite sionista, cujas políticas vão de encontro com os objetivos do movimento. O grupo também utiliza um discurso extremista, facilmente perceptível, em visões acerca do multiculturalismo: propõem-se o fim imediato do fluxo de imigrantes para a região nórdica, com repatriamento total de estrangeiros que já se encontrem em seus territórios. A discriminação racial, especialmente contra muçulmanos, é uma adaptação da realidade nórdica ao discurso antissemita nazista tradicional. É importante salientar que, ao longo de seu manifesto oficial, não é invocado, de forma explícita, em nenhum momento, a utilização da violência física para lograr seus objetivos. Contudo, o movimento usa, de maneira mais implícita, um discurso voltado para a adoção de “quaisquer métodos necessários” para combater a ameaça multiculturalista e, assim, salvar a raça branca nórdica. Quanto às visões sobre questões de gênero e sexualidade, percebe-se o mesmo discurso conservador condizente com a definição de neonazismo.

Ao analisar as características de atuação de cada ramificação separadamente – SRM, na Suécia, e FRM, na Finlândia –, pode-se inferir que o grupo é muito mais disposto à utilização de violência no país sueco do que sua contraparte finlandesa. Isto deve-se a alguns fatores, entre eles: a diferença de tamanho entre as duas filiais – o SRM é sensivelmente maior –; o tempo de atuação de ambas – FRM surgiu em 2008, quase dez anos depois do SRM, em um contexto muito menos tolerante à violência –; e o fato de a ramificação sueca ser mais ideologicamente homogênea, voltada para uma abordagem mais forte dos ideais do Nacional Socialismo tradicional.

O grupo foi fundado, em 1997, como um movimento nacional sueco, em um contexto de crescimento de ataques a refugiados e atos de violência da década de 1990 no país. Na prática, portanto, ao analisarmos as características de atuação do SRM – estudando somente os casos e discursos em território sueco –, estaremos observando as concepções originais da organização. A filial finlandesa foi fundada somente em 2008, transformando-se em uma instituição transnacional.

Dentro da esfera de análise desta monografia, conclui-se plenamente que a primeira hipótese apresentada está correta: o Nordic Resistance Movement é, de fato,

uma organização neonazista, em seu discurso ideológico e em suas características de atuação, tanto na Suécia quanto na Finlândia. Entretanto, a segunda hipótese apresentada – que o grupo procura suavizar sua própria imagem, em ambos os países, para distanciar-se de associações negativas relacionadas à violência –, não pode ser confirmada. Embora o discurso oficial seja de não utilizar atos violentos contra imigrantes, refugiados e opositores, os diversos casos de agressões – e, por vezes, homicídios – mostram uma outra realidade. Na Suécia, o SRM desenvolveu-se em um contexto de crescimento de organizações neonazistas, adotando esta conduta desde o início. Entretanto, nos anos mais recentes, tornou-se mais clara a capacidade violenta do grupo. Na Finlândia, as atividades iniciais do FRM baseavam-se em distribuição de propaganda neonazista, distanciando-se de atitudes violentas. Contudo, a natureza violenta da filial finlandesa também começou a florescer em anos mais recentes, tendo suas atividades oficialmente banidas na Finlândia desde 2017.

É importante salientar que a ascensão do NRM, embora não seja uma ameaça direta às democracias nórdicas, representa uma séria ameaça a minorias étnico-culturais, especialmente à refugiados muçulmanos. Os serviços de inteligência da Suécia, por muitos anos, não enxergavam o movimento como efetivamente perigoso, permitindo o crescimento de suas atividades. A Finlândia, por outro lado, tomou a primeira grande medida para frear a violência neonazista da organização nórdica, ao banir, judicialmente, suas atividades em território finlandês. Neste aspecto, novos estudos se fazem necessários acerca da percepção dos Estados sobre a importância, e as possíveis complicações, da difusão do discurso neonazista na sociedade.

6 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANDERSON, B. **Imagined Communities: Reflections on the Origin and Spread of Nationalism**. New York: Verso, 1983.

ANDERSSON, H. **Swedish Neo-Nazis Had a Fight in the Woods**. Vice, 17 dez 2013. Disponível em: <https://www.vice.com/en_us/article/dpw7gx/watching-swedish-neo-nazis-fighting-in-the-woods>. Acesso em: 14 jun 2018.

ARCHAMBAULT, E.; VEILLEUX-LEPAGE, Y. **Soldiers of Odin: The Global Diffusion of Vigilante Movements**. [S.l.: s.n.], [2017]. Disponível em: <<https://www.psa.ac.uk/sites/default/files/conference/papers/2017/Soldiers%20of%20Odin%20-The%20Global%20Diffusion%20of%20Vigilante%20Movements.pdf>>. Acesso em: 14 jun 2018.

BACHARACH, W. Z. Antisemitism and Racism in Nazi Ideology. In: BERENBAUM, M. (Ed.). **The Holocaust and History: The Known, the Unknown, the Disputed, and the Reexamined**. Bloomington: Indiana University Press, 1998. pp. 64-74. Disponível em: <https://www.yadvashem.org/yv/en/education/courses/life_lessons/pdfs/lesson2_2.pdf>. Acesso em: 14 jun 2018.

BAYRAKLI, E.; HAFEZ, F. (Org). **European Islamophobia Report - 2015**. Istanbul: SETA – Foundation for Political, Economic and Social Research, 2016. Disponível em: <https://www.islamophobiaeurope.com/reports/2015/en/EIR_2015.pdf>. Acesso em: 14 jun 2018.

BJØRGO, T. Extreme Nationalism and Violent Discourses in Scandinavia: “The Resistance”, “Traitors, and “Foreign Invaders”. In: **Terror from the Extreme Right**. London: Frank Cass & CO. LTDA, 1995. p. 182-220.

BRIGGS, A. The Welfare State in Historical Perspective. In: CASTLES, F.G; PIERSON, C. (Org). **The Welfare State Reader**. 2nd Ed. Cambridge: Polity Press, 2006. p. 16-30.

CASTRO, R. F. Extrema-direita, pseudo-história e conspiracionismo: o caso de negacionismo do Holocausto. In: **Anais...** XVI Encontro Regional de História da Anpuh-Rio: Saberes e Práticas Científicas. 2014. Disponível em:

<http://www.encontro2014.rj.anpuh.org/resources/anais/28/1408317295_ARQUIVO_RicardoFigueiredodeCastro.pdf>. Acesso em: 14 jun 2018.

COTANDA, F. C. **Neonazismo: As diversas formas da herança de Hitler**. Porto Alegre: Adverso – Jornal da Adufrgs, n. 135, jun 2005.

COUNTER EXTREMISM PROJECT. **Nordic Resistance Movement (NRM)**. [S.l.: s.n.], [2018]. Disponível em:

<https://www.counterextremism.com/sites/default/files/threat_pdf/Nordic%20Resistance%20Movement%20%28NRM%29-01032018.pdf>. Acesso em: 14 jun 2018.

ELGENIUS, G.; RYDGREN, J. The Sweden Democrats and the Ethno-Nationalist Rhetoric of Decay and Betrayal. **Sociologisk forskning**, v. 54. Gothenburg:

Department of Sociology and Work Science, 2017. p. 353-358. Disponível em:

<<https://www.diva-portal.org/smash/get/diva2:1168350/FULLTEXT01.pdf>>. Acesso em: 14 jun 2018.

ERIKSEN, T. H. Ethnicity versus Nationalism. **Journal of Peace Research**, Vol. 28, No. 3, Aug 1991. pp. 263-278. Disponível em: <<http://www.jstor.org/stable/424407>>.

Acesso em: 14 jun 2018.

FAIOLA, A. Soldiers of Odin: The far-right groups in Finland ‘protecting women’ from asylum seekers. **The Independent**, [S.l.], 01 feb 2016. Disponível em:

<<https://www.independent.co.uk/news/world/europe/soldiers-of-odin-the-far-right-groups-in-finland-protecting-women-from-asylum-seekers-a6846341.html>>. Acesso em: 14 jun 2018.

FEKETE, L. **Sweden’s counter-extremism model and the stigmatizing of anti-racism**. London: Institute of Race Relations – European Research Programme, briefing nº 9, set 2014. Disponível em: <<http://s3-eu-west->

2.amazonaws.com/wpmedia.outlandish.com/irr/2017/04/26155138/ERP-Briefing-No-9-Sweden.pdf>. Acesso em: 14 jun 2018.

FINLAND. Ministry of the Interior. **Violent extremism in Finland – situation overview 1/2018**: Threat assessment of violent extremism in Finland in 2017 and trends. Women and children in radical Islamist terrorist organisations under special review. Helsinki, 2018. Disponível em:

<https://julkaisut.valtioneuvosto.fi/bitstream/handle/10024/160892/SM_17_2018.pdf?sequence=1&isAllowed=y>. Acesso em: 14 jun 2018.

FORSELL, T.; ROSENDAHL, J. Anti-immigrant 'Soldiers of Odin' raise concern in Finland. **Reuters**, Helsinki, 13 jan 2016. Disponível em:

<<https://www.reuters.com/article/us-europe-migrants-finland/anti-immigrant-soldiers-of-odin-raise-concern-in-finland-idUSKCN0UR20G20160113?feedType=RSS&feedName=topNews>>. Acesso em: 14 jun 2018.

FORSLUND, P. Har kvinnor i kampen att göra? **Nordfront**: Nordiska

Motståndsrörelsen – Sverige. 2015. Disponível em: < <https://www.nordfront.se/har-kvinnor-kampen-att-gora.smr>>. Acesso em: 14 jun 2018.

FUTRELL R.; SIMI, P. Neo-Nazi movements in Europe and in the United States. In: SNOW, D. A. et al (Org.). **The Wiley-Blackwell Encyclopedia of Social and Political Movements**. [S.l.]: John Wiley & Sons, 2013. Disponível em:

<<https://doi.org/10.1002/9780470674871.wbespm353>>. Acesso em: 14 jun 2018.

GABLE, G. Finnish man dies after assault by Nazis. **Searchlight Magazine**, Ilford,

20 set 2016. Disponível em: < <http://www.searchlightmagazine.com/2016/09/finnish-man-dies-after-assault-by-nazis/>>. Acesso em: 14 jun 2018.

GELLNER, E. **Nacionalismo e Democracia**. Trad. de Vamireh Chacon e outros. Brasília: Editora da Universidade de Brasília, 1981.

GLOBAL PEACE INDEX. **Global Peace Index 2017**: measuring peace in a complex world. Institute for Economics and Peace. 2017. Disponível em: <<http://visionofhumanity.org/app/uploads/2017/06/GPI17-Report.pdf>>. Acesso em: 14 jun 2018.

GOLDER, M. **Far Right Parties in Europe**. State College: Pennsylvania State University, [201-?]. Disponível em: < <http://mattgolder.com/files/research/arps.pdf>>. Acesso em: 14 jun 2018.

GUIBERNAU, M. **Migration and the rise of the radical right**: Social malaise and the failure of mainstream politics. London: Policy Network, 2010. p. 1-17. Disponível em: <<http://www.policy-network.net/uploadedFiles/Publications/Publications/Migration%20and%20the%20rise%20of%20the%20far%20right.pdf>>. Acesso em: 14 jun 2018.

HÄLLGREN, C. **Researching and Developing Swedkid**: A Swedish Case Study at the Intersection of the Web, Racism and Education. Doktorsavhandlingar i Pedagogiskt arbete Nr 5 - Umeå universitet, Umeå, 2006. Disponível em: < https://pdfs.semanticscholar.org/790c/86318ebfedb60b2a1b4cb1dcb104a144d47b.pdf?_ga=2.62188076.1026215620.1529038471-1414137838.1529038471>. Acesso em: 14 jun 2018.

HAMMOUD, R. H. N. **Impactos da União Europeia no Welfare State**: O caso das instituições suecas. 2008. Dissertação (Mestrado em Economia) – Programa de Pós-Graduação em Economia, Faculdade de Ciências Econômicas, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2008.

HANSON, B. An Interview with Simon Lindberg, Leader of the Nordic Resistance Movement. In: **National Vanguard**: Toward a New Consciousness; a New Time; a New People. 2016. Disponível em: <<https://nationalvanguard.org/2016/06/an-interview-with-simon-lindberg-leader-of-the-nordic-resistance-movement/>>. Acesso em: 14 jun 2018.

HELSINKI TIMES. Finnish court accepts motion to dissolve Nordic Resistance Movement. **Helsinki Times**: News from Finland, Helsinki, 01 dez 2017. Disponível em: < <http://www.helsingitimes.fi/finland/finland-news/domestic/15172-finnish-court-accepts-motion-to-dissolve-nordic-resistance-movement.html>>. Acesso em: 14 jun 2018.

HELSINKI TIMES. Man dies after being assaulted during neo-Nazi protest in Helsinki. **Helsinki Times**: News from Finland, Helsinki, 19 set 2016a. Disponível em: < <http://www.helsingitimes.fi/finland/finland-news/domestic/14233-man-dies-after-being-assaulted-during-neo-nazi-protest-in-helsinki.html>>. Acesso em: 14 jun 2018.

HELSINKI TIMES. One suspect in Jyväskylä stabbing still at large. **Helsinki Times**: News from Finland, Helsinki, 14 feb 2013. Disponível em: <<http://www.helsingitimes.fi/finland/finland-news/domestic/5340-one-suspect-in-jyvaeskylae-stabbing-still-at-large.html>>. Acesso em: 14 jun 2018.

HELSINKI TIMES. Soldiers of Odin denies racism allegations. **Helsinki Times**: News from Finland, Helsinki, 15 jan 2016b. Disponível em: <<http://www.helsingitimes.fi/finland/finland-news/domestic/13709-soldiers-of-odin-denies-racism-allegations.html>>. Acesso em: 14 jun 2018.

HIETIKKO, M. A world of hatred. In: **Hate Speech International** – Investigating Extremism, 16 may 2016b. Disponível em: <<https://www.hate-speech.org/a-world-of-hatred/>>. Acesso em: 14 jun 2018.

HIETIKKO, M. Behind the Nazi Façade. In: **Neo-Nazis in the North: The Nordic Resistance Movement in Finland, Sweden and Norway**. [S.l.]: Hate Speech International – Investigating Extremism, 2016a. Disponível em: <<https://www.hate-speech.org/wp-content/uploads/2017/03/neo-nazis-in-the-north.pdf>>. Acesso em: 14 jun 2018.

HYÖKKI, L; JARDI, P. Islamophobia in Finland National Report 2015. In: BAYRAKLI, E.; HAFEZ, F. (Org). **European Islamophobia Report - 2015**. Istanbul: SETA – Foundation for Political, Economic and Social Research, 2016. Disponível em:

<https://www.islamophobiaeurope.com/reports/2015/en/EIR_2015.pdf>. Acesso em: 14 jun 2018.

JENSEN, A. **Radicalization, Polarization and Xenophobia**: the growing influence of the Nordic Resistance Movement in Sweden and Finland. [S.l.]: ESISC – European Strategic Intelligence and Security Center, 2017. Disponível em: <<http://www.esisc.org/upload/publications/briefings/radicalization-polarization-and-xenophobia-the-growing-influence-of-the-nordic-resistance-movement-in-sweden-and-finland/Finland%20and%20Sweden%20NRM.pdf>>. Acesso em: 14 jun 2018.

JAMES, S. **Protests against fascist murder in Sweden**. World Socialist Web Site, published by the International Committee of the Fourth International (ICFI), 11 nov 1999. Disponível em: <<https://www.wsws.org/en/articles/1999/11/swed-n11.html>>. Acesso em: 14 jun 2018.

KETOLA, M.; NORDENSVARD, J. Nationalist Reframing of the Finnish and Swedish Welfare States – The Nexus of Nationalism and Social Policy in Far-Right Populist Parties. In: **Social Policy & Administration**: An International Journal of Policy and Research, v. 19, n. 3. Southhaptan: John Wiley & Sons, 2015. p. 356-375. Disponível em: <<https://doi.org/10.1111/spol.12095>>. Acesso em: 14 jun 2018.

LAMELA, A. Neonazistas suecos ganham força e ameaçam principal fórum político do país. **UOL Notícias**, São Paulo, 03 set 2018. Disponível em: <https://noticias.uol.com.br/ultimas-noticias/efe/2017/07/03/neonazistas-suecos-ganham-forca-e-ameacam-principal-forum-politico-do-pais.htm>. Acesso em: 17 jun 2018.

LODENIUS, A. Right-Wing Extremism in Sweden. In: MELZER, R.; SERAFIN, S. (Eds.). **Right-Wing Extremism in Europe: Country Analyses, Counter-Strategies and Labor-Market Oriented Exit Strategies** – Country Analyses Sweden. Berlin: Friedrich-Ebert-Stiftung, Projekt Gegen Rechtsextremismus, Forum Berlin, 2014. Disponível em: <<http://library.fes.de/pdf-files/dialog/10031.pdf>>. Acesso em: 14 jun 2018.

LOPES, L. B. **Novos Partidos de Direita da Europa: Nacionalismo Étnico e Xenofobia**. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Relações Internacionais) – Faculdade de Ciências Econômicas, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2016. Disponível em: <<http://hdl.handle.net/10183/166112>>. Acesso em: 14 jun 2018.

MAGALHÃES, M.D.B. Neonazismo: o retorno da intolerância. In: **Tempo** – Revista do Departamento de História da Universidade Federal Fluminense, v. 3, n. 6, 1998. p. 199-213. Disponível em: <http://www.historia.uff.br/tempo/artigos_livres/artg6-12.pdf>. Acesso em: 14 jun 2018.

MUDDE, C. **Populist Radical Right Parties in Europe**. Cambridge: Cambridge University Press, 2007. Disponível em: < <https://epdf.tips/populist-radical-right-parties-in-europe.html>>. Acesso em: 14 jun 2018.

OLIVEIRA, E. M. F. Blood & Honour: Neonazismo e teoria dos movimentos sociais. **Enfoques** - Revista dos estudantes do Programa de Pós-Graduação em Sociologia e Antropologia IFCS-UFRJ v. 1, n. 14. Rio de Janeiro: 2015. p. 159-179. Disponível em: <<https://revistas.ufrj.br/index.php/enfoques/article/view/12735/8897>>. Acesso em: 14 jun 2018.

PASHA-ROBINSON, L. Swedish neo-Nazis stage biggest ever march in wake of Donald Trump victory. **Independent**, 13 nov 2016. Disponível em: <<https://www.independent.co.uk/news/world/europe/donald-trump-win-swedish-neo-nazis-stage-biggest-march-celebrate-a7414676.html>>. Acesso em: 14 jun 2018.

PENNINGTON, R. Sweden: Nordic Resistance Movement Gaining in Strength. In: **National Vanguard: Toward a New Consciousness; a New Time; a New People**, 09 maio 2016. Disponível em: < <https://nationalvanguard.org/2016/05/sweden-nordic-resistance-movement-gaining-in-strength/>>. Acesso em: 14 jun 2018.

POWELL, G. B. J. Extremist Parties and Political Turmoil: Two Puzzles. In: **American Journal of Political Science**, Vol. 30, No. 2, 1986. p. 357-378.

Disponível em: <https://www.jstor.org/stable/2111101?origin=JSTOR-pdf&seq=1#page_scan_tab_contents>. Acesso em: 14 jun 2018.

QUEVEDO, G.S. **Estado Nacional, Nacionalismo e suas formas**. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Relações Internacionais) – Faculdade de Ciências Econômicas, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2016. Disponível em: < <http://hdl.handle.net/10183/166163>>. Acesso em: 14 jun 2018.

REIS, M. Protesto na Suécia evidencia aumento da xenofobia no país. **Folha de São Paulo**, São Paulo, 12 jan 2014. Disponível em:

<<https://www1.folha.uol.com.br/mundo/2014/01/1396609-protesto-na-suecia-evidencia-aumento-da-xenofobia-no-pais.shtml>>. Acesso em: 14 jun 2018.

ROBINS-EARLY, N. Finland Bans Neo-Nazi Nordic Resistance Movement. **Huffpost**, [S.I.], 30 nov 2017. Disponível em:

<https://www.huffpostbrasil.com/entry/finland-bans-neo-nazi-group_us_5a202d7ae4b037b8ea206cf7zi-group_us_5a202d7ae4b037b8ea206cf7>. Acesso em: 14 jun 2018.

RYDGREN, J. The Sociology of the Radical Right. In: **Annual Review of Sociology**, n. 33. [S.I.]: 2007.

SPUTNIK INTERNATIONAL. Long Time No See: Finnish Neo-Nazis Resurge One Week After Ban. **Sputnik International**, [S.I.], 8 dez 2017. Disponível em:

<<https://sputniknews.com/europe/201712081059827029-finland-neonazi-ban/>>. Acesso em: 14 jun 2018.

STORMARK, K.; STRØMMEN, Ø. **A neo-Nazi leader no more**. [S.I.]: Hate Speech International – Investigating Extremism, 15 may 2016. Disponível em:

<https://www.hate-speech.org/a-neo-nazi-leader-breaks-off/>. Acesso em: 14 jun 2018.

STRØMMEN, Ø. The History of the Nordic Resistance Movement. In: **Neo-Nazis in the North: The Nordic Resistance Movement in Finland, Sweden and Norway**. [S.l.]: Hate Speech International – Investigating Extremism, 2017. Disponível em: <<https://www.hate-speech.org/wp-content/uploads/2017/03/neo-nazis-in-the-north.pdf>>. Acesso em: 14 jun 2018.

STUDIO 204. **Studio 204 - jakso 14: Haastattelussa/Interview with Simon Lindberg Nordic Resistance Movement**. 04 jun 2016 (28:40). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?time_continue=1076&v=UsmiJ-FfFTA>. Acesso em: 14 jun 2018.

TEITELBAUM, B. R. Saga's Sorrow - Femininities of Despair in the Music of Radical White Nationalism. In: **Ethnomusicology**. V. 58, n. 3. [2014?]: University of Illinois Press on behalf of Society for Ethnomusicology, 2014. p. 405-430. Disponível em: <<http://www.jstor.org/stable/10.5406/ethnomusicology.58.3.0405>>. Acesso em: 14 jun 2018.

THE NORDIC RESISTANCE MOVEMENT – NRM. **Our Path: New Politics for a New Time**. 1st ed. [S.l.]: 2016. Disponível em: <https://www.nordfront.se/wp-content/uploads/2016/12/Our-Path.pdf>. Acesso em: 14 jun 2018.

THOMAS, R. **The Nature of Nazi Ideology**. London: Libertarian Alliance, 1991. Disponível em: < <http://www.libertarian.co.uk/lapubs/histn/histn015.pdf>>. Acesso em: 14 jun 2018.

VARIS. **Repentant leader, manslaughter and nazi march – Year 2016 for Finland's Nordic Resistance Movement**. Varis Antifasistinen verkosto, 08 jun 2017. Disponível em: <<https://varisverkosto.com/2017/06/repentant-leader-manslaughter-and-nazi-march-year-2016-for-finlands-nordic-resistance-movement/>>. Acesso em: 14 jun 2018.

VIZENTINI, P. F. O ressurgimento da extrema direita e do neonazismo: a dimensão histórica e internacional. In: MILMAN, L.; VIZENTINI, P. F. (Org). **Neonazismo**,

Negacionismo e Extremismo Político. Porto Alegre: Editora da Universidade (UFRGS): Corag, 2000. p. 19-31.

WESTIN, C. Neo-Nazism in a Welfare State: The Example of Sweden. In: **Journal of Conflict and Violence Research**, v. 2, 2000. Disponível em: < <http://www.uni-bielefeld.de/ikg/jkg/2-2000/westin.pdf>>. Acesso em: 14 jun 2018.

YLE UUTISSET. Soldiers of Odin's secret Facebook group: Weapons, Nazi symbols and links to MV Lehti. **Yle Uutiset**, 16 mar 2016. Disponível em: <https://yle.fi/uutiset/osasto/news/soldiers_of_odins_secret_facebook_group_weapons_nazi_symbols_and_links_to_mv_lehti/8749308>. Acesso em: 14 jun 2018.